

A RELAÇÃO PEDAGÓGICA NO PRÉ-ESCOLAR

Perspetiva de profissionais

Teresa de Jesus Ataíde Quintela

Provas destinadas à obtenção do grau de Mestre para a Qualificação para a
Docência em Educação Pré-Escolar

Julho de 2015



Instituto Superior de Educação e Ciências

INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS

Provas para obtenção do grau de Mestre para a Qualificação para a
Docência em Educação Pré-Escolar

A RELAÇÃO PEDAGÓGICA NO PRÉ-ESCOLAR

Perspetiva de profissionais

Autora: **Teresa Quintela**

Orientadora: **Mestre Susana Costa Ramalho**

Julho de 2015

AGRADECIMENTOS

À Carolina, à Joana e à Vera que me apoiaram nos momentos mais difíceis e pela companhia sempre disponível que me incentivou a trabalhar de forma persistente durante este percurso académico.

Agradeço de forma especial à professora Susana Costa Ramalho por toda a disponibilidade, paciência e ajuda.

À Professora Madalena Fontoura pelo seu testemunho precioso e pela reconhecida competência que revelou na sua colaboração e amizade. Ao Luís e à Piedade pela colaboração e disponibilidade.

Agradeço aos meus pais a generosidade e sobretudo o exemplo de trabalho e dedicação.

A Deus pelos dons e capacidades que me deu e pela certeza da sua presença nas horas difíceis.

RESUMO

Este estudo qualitativo surgiu com o principal objetivo de entender o que representa para o educador a relação pedagógica, tendo em conta a importância da ligação estabelecida entre o educador e a criança na qualidade e eficácia da ação educativa. Assim, foi desenvolvido ao longo desta investigação um trabalho de pesquisa, refletindo sobre as perspectivas dos entrevistados, de acordo com as considerações teóricas encontradas que fundamentam o tema estudado.

Sebastião da Gama foi, ao longo de todo o processo de trabalho, um autor de referência que nos confrontou de forma positiva para a urgência da criação de relações de qualidade com as crianças, procurando educar no sentido de caminhar junto delas, dando-lhes a conhecer a realidade. Os resultados desta investigação remeteram para a urgência de um trabalho relacional e reflexivo por parte dos educadores, consciencializando-nos da enorme dimensão e complexidade do ato de educar que exige uma relação pedagógica de qualidade com as crianças, promovendo o seu desenvolvimento e bem-estar.

Palavras-Chave: Relação Pedagógica; Educação; Sebastião da Gama; Afetividade; Qualidade;

ABSTRACT

This qualitative study came up with the main objective to understand what is for the educator the pedagogical relationship, taking into account the importance of the link established between the educator and the child in the quality and effectiveness of educational action. So, along with this study, it was developed a research work, reflecting on the perspectives of the interviewed persons, according to the theoretical considerations found, and which substantiate the studied subject.

Sebastião da Gama was, throughout the work process, a reference author who confronted us positively to the urgency of creating quality relationship with children, looking for educating in the sense to walk alongside them, giving them the knowledge of reality. The results of this research have returned to the urgency of a relational and reflective work by educators, raising awareness for the enormous size and complexity of the act of educating that requires a pedagogical quality relationship with children, promoting their development and well-being.

Keywords: Pedagogical Relationship; Education; Sebastião da Gama; Affection; Quality

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	i
RESUMO.....	iii
ABSTRACT	v
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 - QUADRO DE REFERÊNCIA TEÓRICO	5
1.1 O poeta e professor Sebastião da Gama.....	5
1.1.1 Biografia de Sebastião da Gama	5
1.1.2 Perspetiva Pedagógica de Sebastião da Gama	6
1.2 A relação pedagógica.....	8
1.2.1 A relação pedagógica e a sua influência no processo de ensino/aprendizagem	8
1.2.2 A relação afetiva / Afetividade entre o educador e o aluno	9
1.3 O diálogo e o convívio do educador com os seus alunos	11
CAPÍTULO 2 - PROBLEMATIZAÇÃO E METODOLOGIA.....	15
2.1 A Problemática do estudo	15
2.2 Paradigma Qualitativo Interpretativo.....	16
2.3 A entrevista semiestruturada.....	17
2.4 Participantes.....	18
2.4.1 Entrevistada – Professora M. F	19
2.4.2 Entrevistada - M. P. B	19

2.4.3 Entrevistado - Educador L. R.....	20
2.5 Recolha de dados	20
2.5.1 Entrevistas	21
2.5.2 Conversas informais.....	21
2.5.3 Recolha documental	21
2.6 Tratamento e análise de dados	22
2.6.1 Elaboração do guião das entrevistas.....	22
2.6.2 Realização das entrevistas	23
2.6.3 Transcrição das entrevistas.....	24
2.6.4 Análise de conteúdo das entrevistas.....	24
CAPÍTULO 3 - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	27
3.1 Referência às subcategorias elaboradas	27
3.2 O ato de educar: A exigência e a responsabilidade dos educadores	29
3.3 Relações pedagógicas transformadoras	31
3.4 Considerações práticas sobre a experiência em contexto educativo.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
Síntese sobre as respostas às questões de investigação colocadas.....	37
Investigações futuras a partir deste trabalho e possíveis reformulações.....	38
Contribuição para o desenvolvimento profissional e pessoal	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	41
ANEXOS	45
ANEXO 1 - GUIÃO DA ENTREVISTA COMUM.....	47
ANEXO 2 - GUIÃO DA ENTREVISTA ADAPTADA À PROFESSORA M. F....	53

ANEXO 3 - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DA PROFESSORA M. F	59
ANEXO 4 - TRASNCRIÇÃO DA ENTREVISTA A M. P. B	71
ANEXO 5 - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA A L. R	79
ANEXO 6 - ANÁLISE DE CONTEÚDO	89

INTRODUÇÃO

A relação entre o educador e a criança é o âmago do processo pedagógico, capaz de potencializar vivências e experiências gratificantes para cada um dos envolvidos. Esta interação dá sentido ao processo de aprendizagem e à partilha que se estabelece, dinamizando e potenciando ligações favoráveis ao desenvolvimento das competências da criança.

O presente estudo apresenta uma consideração teórica e prática sobre a relação entre o educador e a criança na educação pré-escolar, tendo em conta a interpretação da pedagogia de Sebastião da Gama e de diferentes autores sobre esta abordagem.

Esta investigação nasceu da preocupação pessoal sobre o desânimo e a indiferença na maneira como se educa nos dias de hoje, traduzida no modo muitas vezes despreocupado como os educadores de infância se relacionam com o grupo de crianças.

Sebastião da Gama (1975) demonstrava grande interesse e preocupação com a relação que estabelecia com os seus alunos e sentia-se profundamente feliz e agradecido com os ensinamentos que aqueles lhe transmitiam, revelando-se uma pessoa bondosa e disponível.

“Não sou, junto de vós, mais do que um camarada um bocadinho mais velho. Sei coisas que vocês não sabem, do mesmo modo que vocês sabem coisas que eu não sei ou já esqueci. Estou aqui para ensinar umas e aprender outras. Ensinar, não: falar delas. Aqui e no pátio e na rua e no vapor e no comboio e no jardim e onde quer que nos encontremos.” (Gama, 1975, p. 12).

A meu ver, as palavras de Gama, estão carregadas de sabedoria e despertam em mim um enorme interesse em tratar desta temática com seriedade, conhecendo melhor as implicações e representações das relações estabelecidas entre educadores e crianças, encontrando estratégias que ajudem os educadores a constituir com os seus educandos relações de qualidade favoráveis ao seu bom desenvolvimento.

É por isso importante que o educador tome consciência do seu papel enquanto modelo ativo, conciliador e mediador das relações com as crianças, porque para educar é preciso amar e ter vontade de partilhar com os alunos conhecimentos adquiridos numa troca recíproca insaciável (Gama, 1975).

Como afirma Santomé (2006), "Em qualquer processo de ensino aprendizagem, as dimensões sócio afetivas revestem-se de grande importância, dado que, os professores nas suas interações com os alunos transmitem mais informação do que aquela de que têm consciência." (p. 100).

Assim, consideramos fundamental para a realização deste trabalho responder a questões prioritárias sobre a veracidade e autenticidade de relações positivas entre o educador e a criança, tais como: Quais as representações dos educadores sobre uma boa relação adulto/criança? Quais as estratégias a desenvolver para o estabelecimento de uma boa relação adulto/criança? Para que deve o educador criar com as crianças uma boa relação pedagógica?

Para responder a estas questões, foram realizadas três entrevistas semiestruturadas, com a finalidade de interpretar e refletir as considerações feitas pelos vários entrevistados sobre o tema abordado. Esta investigação insere-se no paradigma qualitativo, e pressupõe um trabalho interpretativo sobre a recolha dos dados obtidos com as entrevistas realizadas.

"A investigação qualitativa insere-se hoje em perspectivas teóricas, por um lado, diferenciadas e, por outro lado, coexistentes e recorre ao uso de uma grande variedade de técnicas de recolha de informação como materiais empíricos, estudo de caso, experiência pessoal, história de vida, entrevista, observação, textos históricos, interactivos e visuais que descrevem rotinas, crises e significados na vida das pessoas." (Aires, 2011, p.13).

O trabalho que se segue está dividido em três capítulos que se estruturam da seguinte forma: no primeiro capítulo a apresentação do Quadro de Referência Teórico sobre a abordagem de diferentes autores e a sua perspectiva pedagógica em relação ao tema tratado, definindo conceitos que ajudem o leitor a melhor compreender os conteúdos abordados. O segundo capítulo, intitulado Problematização e Metodologia, subdivide-se em cinco pontos: o primeiro trata da problemática do estudo, o segundo do paradigma sobre as questões de investigação prioritárias e no terceiro subponto o desenho metodológico do estudo. O quarto ponto apresenta e caracteriza todos os participantes da investigação e o quinto e último subponto os instrumentos de recolha de dados e a análise de conteúdo das entrevistas realizadas. O terceiro e último capítulo apresenta os resultados deste projeto de investigação, fazendo referência aos conteúdos

recolhidos para a análise e recolha de dados, relembrando os conceitos abordados no primeiro capítulo.

Posteriormente, serão expostas as considerações finais, onde se apresenta um breve resumo sobre os aspetos fundamentais do estudo, bem como a possibilidade de aprofundar o tema em estudos futuros.

CAPÍTULO 1 - QUADRO DE REFERÊNCIA TEÓRICO

O capítulo seguidamente apresentado está ordenado em três partes intituladas: (1.1.) O poeta e professor Sebastião da Gama, (1.2.) A relação pedagógica, e (1.3.) O diálogo e o convívio do educador com os seus alunos. Assim, pretende-se interpretar as considerações feitas de diferentes autores sobre o tema da relação pedagógica, visando os objetivos específicos deste trabalho tendo em conta conceitos fundamentais sobre o tema abordado.

1.1 O poeta e professor Sebastião da Gama

1.1.1 Biografia de Sebastião da Gama

Sebastião Artur Cardoso da Gama, poeta e professor Português nasceu no dia 10 de Abril do ano de 1924, em Vila Nogueira de Azeitão. Frequentou o Liceu Nacional de Setúbal até à quarta classe e no ano de 1947 terminou o curso de Filologia Românica na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Nesse mesmo ano publicou o seu primeiro livro intitulado *Serra Mãe*, inspirado na beleza natural do Portinho da Arrábida, onde morava, e no ano seguinte publicou a obra: *Cabo da Boa Esperança*. Foi professor na Escola Comercial e Industrial João Vaz em Setúbal e posteriormente professor estagiário em Lisboa na Escola Comercial Veiga Beirão.

No ano de 1950 terminou o estágio profissional na escola em Lisboa e ainda nesse ano lecionou como professor efetivo na Escola Comercial de Estremoz, dando aulas de Francês e Português. Casou no ano seguinte com Joana Rodrigues e publicou a sua quarta obra com o título de *Campo Aberto*. Faleceu aos 27 anos, no dia 7 de Fevereiro do ano de 1952, vítima de meningite.

Um ano depois da sua morte, é publicada a sua obra *Pelo Sonho é que Vamos* e cinco anos depois o seu *Diário*, resultado dos registos feitos durante a sua experiência como professor estagiário, por sugestão do metodólogo Virgílio Couto. No ano de 1967

é publicada a sua obra *Itinerário Paralelo* e dois anos depois *O Segredo É Amar*, a sua última publicação foi no ano de 1994 com o título *Cartas I*. (Nóvoa, 2003).

No seu diário, Sebastião da Gama retrata-se desta maneira:

“Está provado que não nasci para falar a doutores. Um dos meus professores viu direito quando, no meu exame de admissão ao estágio, lamentou que a minha linguagem nem sempre fosse a mais conveniente. O princípio do mal está em mim, que sou saloio por dentro; saloio não: cabreiro. E depois deu asas a isto o facto de eu me ter feito homem entre camponeses e pescadores e ter tido sempre o cuidado de falar como eles, para estarmos todos à vontade. Ao par do que aí fica, acontece que venho de lavradores, jardineiros e comerciantes; tudo gente de cepa honrada mas agreste. O que não quer dizer que a cepa seja de não dar flor: tenho um primo que guarda ovelhas e as beija e as trata como a suas irmãs: um São Francisco em bruto.” (Gama, 1975, p. 37)

Martins (1996) reforça ainda que “No entanto, Sebastião não era um homem solitário, ele sentia uma necessidade imperiosa de se aproximar dos outros homens e fazia-o sem reservas. Era espontâneo, franco, estabelecendo rapidamente contacto com todos os que o rodeavam.” (p.56)

1.1.2 Perspetiva Pedagógica de Sebastião da Gama

O Diário de Sebastião da Gama apresenta os relatos das suas aulas como professor estagiário, num discurso simples e claro. Nas suas palavras encontramos exemplos sábios de como ser um bom educador e um testemunho inigualável de amizade e carinho pelos seus alunos.

Zabalza (1994) considera que o diário possibilita aos professores uma reformulação da prática exercida através de reflexões, justificando o sentido das suas escolhas educativas. Através da narração de episódios e dos relatos das suas vivências, conhecemos de forma particular o percurso de Gama, as suas virtudes, capacidades e dificuldades, compreendendo o pensamento do pedagogo acerca da sua conceção sobre a ação pedagógica que desempenhava como estagiário.

Para Sebastião da Gama, o bom educador é aquele que consegue encontrar uma maneira de cativar os alunos a interessarem-se pelos assuntos que ensina: “Pois tão atentos estiveram os moços e tão interessados que entenderam o romance por dentro e por fora: eis porque começo a escrever a página de hoje com a alegria de quem não trabalhou em vão.” (Gama, 1975, p. 127) Revelava ser um professor querido pelos seus alunos e conseguia a atenção e o interesse deles através da relação próxima que estabelecia, pela maneira sensível e compreensiva com que os tratava. No seu diário, podemos verificar que para o pedagogo a relação é o meio privilegiado de levar os alunos a estarem interessados pelas aprendizagens recebidas na escola, de gostar de estar. Mantinha-se sempre disponível para aprender também com os alunos e por isso mostrava ser uma pessoa humilde. A reflexão que fazia das suas aulas, demonstra a grande preocupação em fazer despertar neles a alegria de aprender com os outros através do convívio e de relações próximas, promovendo a partilha e o diálogo.

“A aula de hoje foi feita à base do exercício e foi uma aula feliz. Houve interesse, “aprendeu-se”. Agradei-lhes terem sido honestos e pessoais, mostrei-lhes que tinham sabido ler a “Nau Catrineta” e que ver se tinham sabido ler a “Nau Catrineta” fora a única preocupação do exercício; depois tratei demoradamente cada alínea, falando eu o menos possível, salientando e dando a máxima importância a tudo o que eles tinham visto melhor que eu. Eles estavam a ouvir-se, por isso a aula foi serena como nunca.” (Gama, 1975, p. 141/142)

Os seus registos diários carregados de sabedoria e experiência, demonstram uma enorme humildade e uma consciência do seu valor enquanto educador. Para Herrero (1999), Sebastião da Gama mostrava ser um educador comunicativo e exemplar, defendendo que a sua teoria educativa se baseava essencialmente no testemunho para conseguir transformar os seus alunos em seres completos. Para o poeta, para educar é preciso primeiramente ser, sendo por isso tão importante o exemplo que transmitimos aos outros.

“ Ensinar e ser. Antes de tudo, ser. A vida do professor deve ser (tanto quanto possível, pobre de nós!) luminosa e branca. Mais que não ser ignorante, importa não ser mau, nem desonesto, nem impuro...tanto quanto possível, pobre de nós! “ (Gama, 1975, p.59)

O testemunho precioso do poeta e pedagogo Sebastião da Gama, faz-nos ver que para se ser educador, é preciso dar-nos sem medida, é preciso Ser, porque é sendo e dando que nos relacionamos e é através da relação que podemos amar.

1.2 A relação pedagógica

1.2.1 A relação pedagógica e a sua influência no processo de ensino/aprendizagem

A relação que o educador estabelece com seus alunos depende fundamentalmente da criação de vínculos afetivos de qualidade, que conduzem todo o processo de ensino/aprendizagem. É através destas relações transformadoras e construtivas, que o educador é capaz de encorajar os seus alunos a desenvolverem-se como cidadãos capazes e conscientes das suas capacidades, num clima de empatia e estima (Silva & Navarro, 2012).

O processo educativo não está apenas assente na aquisição de competências ou na construção do conhecimento, mas pressupõe uma base de relação entre o educador e o aluno, que facilita o desenvolvimento global da criança. Post e Hohmann (2007) consideram que “As crianças que estabelecem relações mútuas afirmativas com os pais e avós ou educadores ganham a partir dessas relações coragem de que precisam para explorar o mundo que existe além da mãe.” (p.32). O educador deve, por isso, ter em conta a importância da prática educativa e das implicações relacionais no processo de desenvolvimento do aluno, não se limitando ao cumprimento do currículo mas a uma troca recíproca de conhecimentos que envolvem o discente na construção do seu próprio processo de aprendizagem.

Silva e Navarro (2012) consideram que a relação que o educador estabelece com o aluno determina o desenvolvimento das capacidades e a qualidade da formação pessoal e académica do mesmo. Essa interação depende essencialmente do ambiente educativo e do comprometimento do educador em criar condições favoráveis que

promovam relações positivas com os alunos, capazes de despertar o gosto por aprender e a vontade de progredir.

“O educando deve ser considerado como um sujeito interativo e ativo no processo de construção do conhecimento. Por isso, o professor tem um papel de grande relevância no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que se apresenta como pessoa mais experiente e com mais conhecimento sistematizado do que do aluno” (Silva & Navarro, 2012, p.96)

É evidente que a qualidade destas interações depende fundamentalmente dos agentes envolvidos, educador e aluno, e das suas representações acerca das experiências pessoais e partilhadas, do seu carácter e das suas ambições (Amado, Freire, Carvalho & André, 2009). No entanto, é fundamental referir que os dois envolvidos, educador e aluno, através da ligação que estabelecem, transmitem mutuamente ensinamentos e partilham conhecimentos enriquecedores, construindo a partir desta experiência de relação a sua própria personalidade. Marcos (2008) salienta o facto de que,

“Todas as relações afectivas, seja de que tipo forem, requerem «manutenção», adaptação e capacidade de resistência por partes dos seus integrantes. É preciso prestar atenção e fazer um esforço para se acomodar às vicissitudes e às mudanças inevitáveis que acompanham a passagem do tempo.” (p.208)

Assim como Gama (1975), Soveral (1996) defende que a relação entre o educador e a criança não só diz respeito ao desenvolvimento do aluno pois também envolve o educador, mediador desta interação.

Em suma, um educador competente é aquele que estabelece com os seus alunos relações benéficas ao bom desenvolvimento dos que lhes são confiados, promovendo a criação de laços afetivos, de proximidade, convívio, reconhecimento, estima e diálogo.

1.2.2 A relação afetiva / Afetividade entre o educador e o aluno

A palavra relação tem como sinónimo ligação, contacto, afinidade, conexão e está intimamente ligada com os conceitos de afetividade e proximidade. Segundo Magalhães (2011), Pino (2005) refere que a afetividade é uma qualidade característica da relação e uma experiência consequente das relações que os humanos estabelecem.

A afetividade vai-se construindo através de momentos e de condições propícias criadas pelo educador, fomentando atitudes de respeito mútuas, lealdade, diálogo, atenção, segurança, reconhecimento e justiça. Na relação pedagógica, a afetividade estabelecida entre o educador e o aluno é facilitadora para a garantia do bem-estar dos envolvidos (Magalhães, 2011).

Nos seus trabalhos Wallon (1968) e Vygotsky (1998) defendem que a afetividade e o cognitivismo estão intimamente relacionados, justificando que as situações afetivas constituídas entre os educadores e os seus alunos influenciam a mente, verificando aprendizagens significativas mediante a satisfação do aluno, traduzidas pelo gosto em aprender (Magalhães, 2011). Também Spodek (2002) considera que,

“As relações saudáveis ao longo da infância têm uma importância crítica para o desenvolvimento emocional, o qual por sua vez cria bases para a aprendizagem em várias áreas importantes. Entre elas destacamos a capacidade de comunicar e usar a linguagem, a resolução de problemas e o desenvolvimento da autoestima. Poucos serão os que discordam de que toda a aprendizagem requer o desenvolvimento destas capacidades, o que significa que pais, educadores e outros agentes educativos desempenham um papel de grande relevo num desenvolvimento emocional saudável da criança e, portanto, na sua capacidade para aprender.” (p. 168)

É fundamental referir ainda que não basta o educador estabelecer com os seus alunos relações próximas, nem criar relações didáticas distantes, mas deve ter em conta a simplicidade e veracidade dessas relações, tendo em conta a abrangência e a promoção que têm na vida de cada um. De acordo com Morales (1998, cit. por Silva & Navarro, 2012)

“A relação professor-aluno na sala de aula é complexa e abarca vários aspectos; não se pode reduzi-la a uma fria relação didática nem a uma relação humana calorosa. Mas é preciso ver a globalidade da relação professor-aluno mediante um modelo simples relacionado diretamente com a motivação, mas que necessariamente abarca tudo o que acontece na sala de aula e há necessidade de desenvolver atividades motivadoras.” (p.49)

1.3 O diálogo e o convívio do educador com os seus alunos

Um dos princípios característicos da pedagogia de Gama é o diálogo com os alunos. No seu diário, Gama (1975), comenta “ Não acabei sem lhes fazer notar que «a aula é nossa». Que a todos cabe o direito de falar, desde que fale um de cada vez e não corte a palavra ao que está com ela.” (p. 26)

Martins, Vasconcelos, Silva e Soares (2005) referem que o diálogo é uma ação fundamental nas relações estabelecidas entre o educador e o aluno, por fazer a ligação entre o cognitivo e as ações concretas, justificando este pensamento na conceção de Piaget sobre o estágio de operações concretas. É através da comunicação estabelecida entre o educador e o aluno, que o educador é capaz de avaliar os conhecimentos adquiridos pelas crianças, compreender os seus receios, as suas necessidades e pelas suas palavras reconhecer cada um num contexto particular e diferente (Siqueira, 2003).

Paulo Freire (1996) dava particularmente importância ao diálogo, referindo que um educador competente é aquele que dá espaço ao aluno para poder exprimir-se e aprende com o que ele diz. Freire considerava que, para haver diálogo, era necessário que o educador tivesse fé nos seus alunos, esperança no progresso. Assim como Gama, que dialogava com os seus alunos porque reconhecia o valor único de cada um deles, depositando uma confiança sincera e ouvindo com atenção e apreço as suas palavras.

“Num dos dias em que o Luduvico estava comigo, pedi-lhe que francamente me dissesse se havia alguma coisa que nas minhas aulas lhe desagradasse ou nelas faltasse. Instado e posto à vontade, considerou que só achava que devia insistir um bocadinho mais em certas coisas da gramática.” (Gama, 1975, p. 107)

Entendemos, nas palavras de Gama, a consideração que tinha pelos seus alunos, e a forma privilegiada com que se relacionava com eles. A sua sinceridade e lealdade faziam com que também os alunos o considerassem antes de mais companheiro e amigo, não lhe perdendo o respeito. “Não me dava jeito recomençar o nosso convívio sem uma longa conversa. Foi assim que me vi obrigado a agarrar em meia hora da aula de Francês de ontem para falar ao coração dos rapazes.” (Gama, 1975, p.202). Nesta perspetiva, Nérici (1992, cit. por Siqueira, 2003) refere também que,

"Boa técnica de motivação é ter uma conversa em particular com o aluno. Em que se procura explorar o sentimentalismo e também, quando necessário, falar francamente com o aluno, chamando-o às suas responsabilidades. É imprescindível que ele sinta, apesar das verdades, se necessárias, que o professor é seu amigo e tudo está fazendo para ajudá-lo." (p.190)

Ao fazermos uma leitura do *Diário de Sebastião da Gama*, facilmente nos apercebemos da extrema importância que o autor dá ao convívio com os seus alunos. Para Gama, as suas aulas eram antes de mais um convívio agradável “um pretexto para estar e conviver com os rapazes, alegremente e sinceramente. E dentro dessa convivência, como quem brinca ou como quem se lembra de uma coisa que sabe e vem a propósito, ir ensinando.” (Gama, 1975, p. 31)

Através das suas palavras simples, entendemos que para o poeta e professor ensinar é fazer despertar uma curiosidade e interesse livre nos alunos, levando-os a sentirem-se felizes com as descobertas e aprendizagens que vão fazendo realizando, através das relações e interações estabelecidas com os que vão encontrando ao longo da vida. Esta convivência próxima do educador com os seus alunos, faz com que cada um deles se sinta mais confiante e motivado a desenvolver as suas aptidões em conjunto com os colegas e com a ajuda do educador, numa interação saudável que possibilite a todos os envolvidos sentirem-se seguros (Magalhães, 2011).

“A socialização do professor(a) passa pela diferente natureza relacional no desempenho das suas funções educativas, com especial relevo para a relação pedagógica, ética e estética. No entanto, existe um número substancial de professores(as) que, ao longo da vida profissional, não

conseguem superar dificuldades no campo relacional, o que se reflete negativamente no sucesso dos alunos, no bem-estar e na realização do próprio professor(a).” (Magalhães, 2011, p.54)

CAPÍTULO 2 - PROBLEMATIZAÇÃO E METODOLOGIA

Este capítulo refere de forma detalhada os princípios metodológicos da investigação realizada, justificando os métodos escolhidos de acordo com os objetivos definidos para este estudo. Está organizado em seis partes: (2.1) A problemática do estudo, (2.2) Paradigma Qualitativo Interpretativo, (2.3) A entrevista semiestruturada, (2.4) Participantes, (2.5) Recolha de dados e (2.6) Tratamento e análise de dados.

2.1 A Problemática do estudo

A presente investigação surgiu com a necessidade sentida de refletir sobre a importância da relação pedagógica, da sua influência na eficácia da ação educativa orientada pelo educador e, ainda, pelo interesse em conhecer a perspetiva pedagógica de Sebastião da Gama, tomando como referência o seu exemplo como professor.

Podemos interrogarmo-nos como Siqueira (2003): “Se as relações humanas, embora complexas, são peças fundamentais na realização de mudanças em nível profissional e comportamental, como podemos ignorar a importância de tal interação entre professores e alunos?” (p.97)

A problemática escolhida partiu sobretudo de um interesse pessoal, com a finalidade de compreender através de autores de referência e testemunhos reais de que maneira pode o educador criar com os seus alunos boas relações pedagógicas, encontrando estratégias práticas que o ajudem a estabelecer com eles relações de qualidade, refletindo sobre a sua prática pedagógica e sobre as implicações que têm na vida de cada um dos envolvidos.

Deve o educador ter consciência da sua ação pedagógica como construtor de futuro, promovendo a educação de uma geração futura de homens e mulheres capazes, colaboradores no bem comum. Masseto (1996) segundo Siqueira (2003) afirma que “o sucesso (ou não) da aprendizagem está fundamentado essencialmente na forte relação

afetiva existente entre alunos e professores, alunos e alunos e professores e professores.” (p.99)

Gama defendia uma pedagogia da relação, depositando nos seus alunos uma confiança esperançosa, capaz de potenciar relações incitadoras a um progresso satisfatório e benéfico. “Primeira lei: acreditar no aluno. Se o campo é bom e se a semente é bem lançada, até uma inicial vontade de enganar a contraria, agindo no espírito do aluno a nossa boa-fé.” (Gama,1975, p.130)

Somos nós, educadores, que temos o dever e a responsabilidade de ajudar a criar cidadãos felizes e capazes, preocupando-nos com as experiências e possibilidades que contribuam para o desenvolvimento das capacidades de cada aluno. Para isso, devemos ter bem presente o conhecimento que temos sobre a potencialidade de cada aluno como ser único, com valor e qualidades próprias que o distinguem de todos os outros, procurando criar com todos eles relações boas e autênticas, favoráveis a esse desenvolvimento.

2.2 Paradigma Qualitativo Interpretativo

O objetivo principal deste estudo é abordar de forma direta as representações dos educadores sobre uma boa relação adulto/criança, relacionando as considerações apresentadas de acordo com a leitura teórica sobre a perspectiva pedagógica de Sebastião da Gama. Os dados recolhidos serão interpretados de forma indutiva, extraindo significados sobre os conteúdos, procurando encontrar uma resposta válida através das perspectivas dos entrevistados.

A presente investigação enquadra-se no paradigma interpretativo-qualitativo uma vez que as considerações feitas pelos entrevistados serão interpretadas num processo desenvolvido pelo aluno-investigador, que tem como fim analisar os dados recolhidos, de maneira instigadora, significativos para a resposta à pergunta de partida colocada.

O paradigma interpretativo-qualitativo pressupõe a existência de um ambiente natural propício a recolha de dados, que possibilita ao investigador um conhecimento do

contexto útil para a investigação. Ao contrário da abordagem quantitativa, a metodologia qualitativa trata da temática estudada através da componente descritiva, associada à vertente analítica. O paradigma interpretativo parte do contexto da situação estudada, tendo em conta a relação mútua do objeto/sujeito e a sua influência entre a teoria e a prática (Bogdan & Biklen, 1994). No entanto, é importante referir, que no paradigma interpretativo pode existir um risco de subjetividade, visto que os valores e as características pessoais do investigador têm consequentemente influência no processo de investigação.

“A abordagem da investigação qualitativa exige que o mundo seja examinado com a ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para construir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo. O investigador coloca constantemente questões (...) Nada é considerado como um dado adquirido e nada escapa à avaliação.” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 49)

Concluindo, a investigação qualitativa procura através de uma metodologia descritiva, recolher dados que fundamentem a teoria estudada e apresentar perceções de diferentes pontos de vista.

2.3 A entrevista semiestruturada

A entrevista tem como principal finalidade entender através das considerações feitas pelos sujeitos, o sentido e o significado que atribuem a um determinado tema. As conceções individuais de cada um dos entrevistados permitem analisar e compreender com profundidade as perspetivas diversas sobre o assunto estudado.

“O encontro que a entrevista proporciona, entre entrevistador e entrevistado, prevê a existência de um pacto ou de um contrato que integra, inicialmente, um conjunto de parâmetros integradores dos saberes mínimos partilhados pelos sujeitos que dialogam. Este pacto é negociável ao longo da entrevista, possibilitando a redefinição do sentido do discurso.” (Aires, 2011, p. 32)

A entrevista semiestruturada é uma técnica qualitativa de recolha e posterior análise empírica dos dados, exigindo o desenvolvimento de um processo interativo entre o entrevistador e o entrevistado, originando investigações reflexivas de qualidade sobre o fenómeno analisado (Aires, 2011).

O entrevistador deve ter em conta o planeamento das questões a colocar de acordo com os objetivos do estudo, adequando o tipo de perguntas e a sua sequência elaborando um guião bem estruturado.

Para Triviños (1987) a entrevista semiestruturada possibilita, com base na elaboração de um guião bem elaborado, o surgimento de novas hipóteses relacionadas com o assunto da pesquisa, apoiadas em teorias segundo as respostas dadas por cada entrevistado, conduzidas pelo investigador. Este tipo de entrevista segue um guião estruturado com perguntas básicas e primordiais sobre a temática abordada, questões essas que podem ser complementadas por outras tendo em conta as circunstâncias momentâneas à entrevista e a relevância para o estudo. Muitas vezes, através dessas perguntas espontâneas e livres, são dadas respostas com informações importantes de forma mais espontânea.

2.4 Participantes

Atendendo ao objetivo principal desta investigação, anteriormente mencionado, foi tido em conta para a escolha intencional dos participantes: o contexto educativo em que lecionam os entrevistados, a formação académica, os anos de serviço e o conhecimento antecedente sobre a prática exercida por cada um deles.

Escolheu-se entrevistar cada um dos referidos, possibilitando uma diversidade de percursos profissionais, benéfica para a viabilidade do estudo. Para esse efeito, considerou-se indispensável não só a escolha de educadores formados em diferentes locais e de sexos opostos mas também que exercessem em contextos educativos diferentes, neste caso privado e público. O convite feito à Professora M. F para participar neste estudo surgiu a partir de um conhecimento antecedente do seu trabalho.

Por se revelar uma pessoa conhecedora do tema, com um vasto currículo e experiência profissional, considerámos indispensável entrevista-la com a finalidade de aprofundar a compreensão sobre a sua perspetiva relativamente a este assunto. Participam neste estudo a Professora M. F, a Educadora M. P. B. e o Educador L. R, que serão caracterizados seguidamente:

2.4.1 Entrevistada – Professora M. F

M. F nasceu no dia 10 de outubro do ano de 1961, licenciou-se em Psicologia pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação e mais tarde tirou o curso de Supervisão em Psicologia Escolar no Instituto Superior de Psicologia Aplicada. Entre os anos 2000 a 2003 formou-se em Logoterapia na Asociación Española de Logoterapia em Madrid e, três anos depois, fez uma formação avançada para Diretores de Escolas Católicas na Universidade Católica Portuguesa.

Atualmente, é reitora do Colégio do Ramalhão e até ao ano de 2013 foi membro da Direção do Colégio de S. Tomás e professora de Religião e Teatro. Trabalhou em consultório privado como Psicoterapeuta e foi diretora técnica da Associação Vale D'Acór. No ano de 1997 começou a trabalhar como Psicóloga Escolar na Escola Secundária D. José I e, ao mesmo tempo, foi Professora de Psicologia do Desenvolvimento e de Ética da Educação, orientando e aconselhando pessoalmente os alunos no Instituto Superior de Educação e Ciências. No ano de 1996 começou a trabalhar na Academia de Música de Santa Cecília como Professora de Psicologia e Educação Moral e Religiosa e, anteriormente foi assessora da Administração da Televisão Independente e Executiva do Departamento de Compras de Programas Estrangeiros. No ano de 1985 iniciou o seu trabalho como Redatora editorial na Editorial Verbo e, três anos depois, foi Psicóloga Escolar e Professora de Educação Moral e Religiosa no Instituto de Odivelas.

2.4.2 Entrevistada - M. P. B

A Educadora M. P. B (doravante P.B) tem cinquenta e três anos e tirou o curso de Educadora de Infância na Escola Superior de Educadoras de Infância Maria Ulrich. Mais tarde, completou a sua formação com o curso de Supervisão Pedagógica na Escola Superior de Educação João de Deus. Atualmente, trabalha como coordenadora e Educadora de Infância na Escola Básica com Primeiro Ciclo e Jardim de Infância Engenheiro Ressano Garcia, que pertence ao Agrupamento de Escolas Padre Bartolomeu de Gusmão na Freguesia da Estrela em Lisboa.

2.4.3 Entrevistado - Educador L. R

L. R é educador na sala dos dois anos do Colégio da Torre em Paço de Arcos. Tem trinta e quatro anos e tirou o curso de Educador de Infância na Escola Superior de Educação Jean Piaget em Almada há oito anos atrás. Trabalhou como animador na União para a Ação Cultural e Juvenil Educativa e começou a trabalhar no Colégio da Torre como educador há sensivelmente dois anos.

2.5 Recolha de dados

Como já foi referido anteriormente, esta investigação insere-se no paradigma qualitativo e por essa razão envolve a interpretação das considerações feitas a partir da perspetiva pessoal dos participantes, recolhendo dados relevantes para melhor entender o tema abordado. Nesse sentido, os instrumentos utilizados para a recolha de dados desta investigação foram as entrevistas semiestruturadas, as conversas informais e a recolha documental. A utilização destes instrumentos do paradigma qualitativo serviram para compreender e complementar as informações obtidas nas entrevistas realizadas, garantindo assim a validade dos dados recolhidos e permitindo um acesso a uma quantidade significativa de informação importante.

2.5.1 Entrevistas

Para desenvolvimento da investigação, foram realizadas três entrevistas semiestruturadas com perguntas definidas antecipadamente sobre a temática abordada, de acordo com o conhecimento prévio do contexto de trabalho de cada um dos inquiridos. As entrevistas foram agendadas de acordo com a disponibilidade dos entrevistados, num local escolhido por cada um, com a duração aproximada de uma hora. Todos os entrevistados foram contactados pessoalmente para realizar a entrevista, conhecendo os objetivos gerais da investigação e a temática abordada, compreendendo a importância da sua participação para o acesso a informações revelantes para este estudo.

O guião da entrevista foi elaborado de forma idêntica para os três entrevistados, embora o guião da entrevista para a Professora M. F incluísse mais duas questões, adequando as perguntas com o objetivo de recolher informação relevante mais detalhada e específica que complementasse o estudo.

2.5.2 Conversas informais

As conversas informais são uma excelente forma de recolher informação através do contacto direto e das interações estabelecidas entre pessoas, possibilitando ao investigador recolher dados importantes para a realização do estudo. As conversas informais que aconteceram com dois dos entrevistados neste estudo, permitiram aos investigadores conhecê-los de forma mais pessoal e recolher informação que de outra maneira não seria possível, através de um ambiente natural e comum, complementando os dados obtidos anteriormente.

2.5.3 Recolha documental

Os documentos são um instrumento valioso e seguro, pois permitem ao investigador uma consulta repetida, disponível para o uso de diferentes trabalhos ou

estudos (Lüdke & André, 2005). A recolha documental foi realizada com o intuito de recolher informação sobre o assunto abordado, explicando e orientando o estudo, respondendo às perguntas de partida colocadas tendo em conta os objetivos principais desta investigação. A recolha de documentos serviu para completar as perguntas formuladas no guião da entrevista de acordo com a leitura de documentos oficiais produzidos pelos entrevistados: Projeto Pedagógico de Sala do Educador L. R, artigos e conferências da Professora M. F para a Fundação Maria Ulrich, bem como entrevistas dadas para a Radio Televisão Portuguesa.

2.6 Tratamento e análise de dados

Posteriormente à recolha de dados, realizou-se uma análise de conteúdo analisando com pormenor a informação recolhida e as considerações de cada entrevistado, apresentadas em anexo. Assim sendo, o tratamento e análise dos dados foram processados em quatro etapas: elaboração do guião da entrevista, realização das entrevistas, transcrição das entrevistas e, por fim, a análise de conteúdo das entrevistas.

2.6.1 Elaboração do guião das entrevistas

O processo de recolha de dados teve início com o planeamento de um guião de acordo com objetivos gerais do estudo, formulando questões seguindo uma ordem lógica e sequencialmente organizada. A elaboração de um guião pré-definido exige do investigador uma pesquisa sobre as técnicas diferenciadas para a recolha dos dados obtidos, realizando um trabalho de seleção e contacto com os entrevistados, acordando pormenores importantes como o tempo de duração da entrevista, o local e a data para realizá-la.

Nesta primeira fase é ainda importante informar os entrevistados dos objetivos gerais e específicos do estudo, salientando as razões principais que levaram a abordar este tema, estimulando uma participação motivada do entrevistado.

O guião da entrevista foi elaborado de acordo com os temas principais abordados neste estudo, definidos por categorias, sistematizando uma ordem específica encadeada. Seguidamente, foram formuladas questões relativamente a essas categorias pré-estabelecidas, estruturado o guião da seguinte maneira: uma primeira parte com duas questões relativamente à perspetiva dos entrevistados sobre a função da relação pedagógica; uma segunda parte, de cariz mais prático, questionando a experiência prática e teórica sobre o papel do educador na construção da relação pedagógica com seis questões; na terceira e última parte são colocadas quatro questões sobre a opinião dos entrevistados sobre o trabalho do poeta e professor Sebastião da Gama, relacionando a teoria com a prática.

2.6.2 Realização das entrevistas

A entrevista foi conduzida de forma informal com cada um dos três entrevistados e num ambiente descontraído, o entrevistador colocou todas as perguntas registadas no guião elaborado, reformulando algumas delas de acordo com as respostas dadas, alterando por vezes a ordem se necessário. O entrevistador procurou conduzir a entrevista de forma a entender claramente as considerações feitas pelo entrevistado.

“O entrevistador poderá pedir uma clarificação no caso do respondente mencionar algo que lhe pareça mais estranho, utilizando frases como: “O que quer dizer com isso?” “Não tenho a certeza se estou a seguir o seu raciocínio.” “Pode explicar melhor?” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 136)

As entrevistas foram realizadas em espaços públicos e utilizou-se para a gravação das entrevistas o vídeo e a gravação de voz, sem interferir e interromper o raciocínio lógico dos entrevistados. Bogdan e Biklen (1994) referem que, segundo Edward Ives (1997) “durante a entrevista o gravador deverá ser visto como uma terceira presença que não se consegue ver.” (p. 139)

2.6.3 Transcrição das entrevistas

Posteriormente à realização das entrevistas, foi necessário transcrevê-las para analisar as informações recolhidas. Foi feita para cada entrevista, uma revisão de todas as páginas transcritas, enumerando cada linha para facilitar a análise do seu conteúdo, tendo em conta as inferências dos participantes, bem como o seu comportamento registado nos vídeos e a linguagem verbal traduzida depois para o suporte escrito. Essa transcrição foi feita apenas pelo investigador de modo a possuir uma ideia completa daquilo que foi dito e mencionado pelos participantes, no entanto, foi pedido a outras pessoas que revissem a construção frásica do que foi escrito pelo entrevistador, encontrando erros ortográficos ou de pontuação comprometedores para o sentido do que foi verbalizado.

Ao transcrever cada entrevista, o investigador foi capaz de analisar com mais pormenor as considerações feitas por cada entrevistado, segundo uma linha de pensamento lógica, encontrando nas palavras de cada um ideias semelhantes e diferenciadas sobre o assunto falado, registando notas relevantes para a análise subsequente dos dados empíricos.

2.6.4 Análise de conteúdo das entrevistas

Moraes (1999), referindo Olabuenaga e Ispizúa (1989) afirma que a técnica de análise de conteúdo é utilizada para entender e esclarecer o conteúdo dos dados recolhidos, analisando e conhecendo fenómenos da vida social que, de outro modo, seriam intangíveis. Bardin define análise de conteúdo como,

"um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens" (Bardin, 2009, p. 44).

A análise do conteúdo das entrevistas foi desenvolvida num sistema organizativo dos dados por categorias, separando cada ideia transmitida de acordo com as questões colocadas. Depois de categorizar cada tópico ou tema abordado, foram reconhecidos padrões ou ideias diferenciadas descodificando os dados obtidos através de uma leitura pormenorizada das entrevistas transcritas.

CAPÍTULO 3 - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

O presente capítulo apresenta uma consideração reflexiva sobre os resultados obtidos no processo de investigação de acordo com o quadro de referência teórico previamente apresentado, evidenciando os aspectos mais relevantes das entrevistas realizadas. Este capítulo subdivide-se em quatro partes: (3.1) Referência às subcategorias elaboradas (3.2) O ato de educar: A exigência e a responsabilidade dos educadores; (3.3) Relações pedagógicas transformadoras, e (3.4) Considerações práticas sobre a experiência em contexto educativo. Para homogeneizar a forma como são referidos os entrevistados, utilizámos as iniciais do nome para designar cada participante.

3.1 Referência às subcategorias elaboradas

Seguidamente serão referenciadas de forma sucinta cada uma das categorias elaboradas no processo de análise de conteúdo das entrevistas.

Considerações dos entrevistados sobre o ato de educar: O ato de educar é designado pela entrevistada M. F como forma de impulsionar as crianças a viver o real e para isso P. B acrescenta que o educador competente deve ter em conta o desenvolvimento de competências, transmissão de valores, bem como a definição de objetivos específicos de aprendizagem. Para os participantes, educar é entendido como forma de levar e orientar a criança a desenvolver-se como ser completo e livre.

A Educação como função para todos: A afirmação de que a Educação é uma função para todos é vista de forma díspar pelos entrevistados. O Educador L.R discorda argumentando que para exercer essa função é necessário apresentar capacidades e aptidões próprias. No entanto, a Professora M.F e a Educadora P.B concordam que

todos educamos, tendo em conta a consciência de que transmitimos sempre algo aos que estão próximos de nós.

A missão desafiadora dos educadores nos dias de hoje. Dificuldades sentidas: Para M. F o educador deve reconhecer-se como adulto e ter certezas. As dificuldades sentidas por L. R, são fundamentalmente o relacionamento com as famílias e a diferenciação de sexo. Para combater estas dificuldades atuais o adulto deve procurar refletir sobre a ação exercida junto das crianças, com a ajuda de outros que nos ensinem a trabalhar com sentido, conscientes do que sabemos e do que ainda nos falta saber.

O papel do educador na criação de relações pedagógicas de qualidade: Sobre esta categoria é referido pelos entrevistados que o educador, através do seu envolvimento e afetividade deve dar sem medida, sem esquecer as orientações curriculares, construindo relações pedagógicas fecundas potenciadoras de bem-estar, autoestima e confiança, levando a criança a acreditar nas suas capacidades, percebendo que pode sempre recomeçar.

Estratégias e técnicas utilizadas para construir boas relações pedagógicas: Referem os entrevistados que, para que o educador possa construir com as crianças uma relação de qualidade, deve acolher cada uma, estimulando a sua aprendizagem num ambiente de inquietude, procura e descoberta, capaz de aprender com os outros.

Perceção sobre as relações pedagógicas estabelecidas em contexto educativo. Falhas e lacunas: As palavras dos entrevistados elucidam-nos que as maiores ameaças às relações pedagógicas estabelecidas em contexto educativo são a indiferença e a impaciência. O egoísmo – referem os participantes - pode distrair o educador do fundamental e, por isso, é indispensável que exista uma humildade, capaz de reconhecer a nossa fragilidade.

Características especiais do bom educador: Sobre as características especiais do bom educador, o discurso dos participantes remete-nos para três grandes categorias: a qualidade humana do educador, a disponibilidade para a mudança e o reconhecimento das suas grandezas e fraquezas.

O progresso da ação pedagógica. Avaliação e reflexão pessoal: A perceção dos entrevistados sobre o progresso da sua prática, tendo em conta exercícios de avaliação e reflexão, é de que o educador deve confrontar-se com outros e ter capacidade de escuta,

verificando através de experiências profundamente humanizantes as teorias explicadas por outros que o ajudem a crescer e progredir.

3.2 O ato de educar: A exigência e a responsabilidade dos educadores

Verificámos nas palavras dos entrevistados que o ato de educar é definido como um caminho que o educador faz, acompanhando a criança para a descoberta da realidade com o objetivo de promover o seu desenvolvimento, possibilitando a cada uma um futuro bem sucedido. Exige por isso, que o educador estabeleça laços afetivos capazes de promover o bem-estar da criança, tendo em conta objetivos definidos que possibilitem o desenvolvimento de competências necessárias para que vivam bem e felizes.

A Professora M.F e a Educadora M.P.B, ao contrário de L.R, referem que a o ato de educar é uma função de todos os que rodeiam a criança na medida em que transmitimos sempre algo, bom ou mau, aos outros. O Educador L.R, contrariamente ao que foi dito pelas entrevistadas M.F e M.P.B, afirma que o educador competente é aquele que possui certas capacidades que o distinguem dos outros, e por isso defende que a educação não pode ser uma função de todos. Contudo, a Professora M.F realça que a forma como educamos pode variar de acordo com a maneira de estar, de ser e de viver de cada pessoa, mas isso não impede que o ato de educar deixe de ser uma função de todos tendo em conta que todos temos algo a transmitir aos outros.

Soveral (1996) refere que “Sabendo que a pessoa se constrói na - e pela relação com os outros, pode afirmar-se que a personalização/ o tomar-se pessoa decorre das inter-relações sistémicas que estabelecer com o ambiente.” (p.17). Ainda sobre este assunto, Sebastião da Gama (1975) diz, como já referimos anteriormente, que “Ensinar e ser. Antes de tudo ser.” (p. 56). Explica Gama, que o educador deve ter bem presente que o ensino faz-se sendo, que a eficácia educativa passa por nos sabermos educar de bons valores, de boas intenções, sentindo-nos profundamente agradecidos e convictos das capacidades de possuímos para ensinar, desejando progredir cada vez mais, caracterizada por uma vontade ambiciosa de aprender. Na mesma linha de pensamento, M.F justifica por palavras suas que “Olha, aqui é a grande sabedoria do educador

deixar-se educar. Eu nem percebo como é que uma pessoa pode educar sem se deixar educar. (Anexo 3, linha 129).”

Entendemos pelas palavras dos três entrevistados, a preocupação de educar sem limitar, sem condicionar cada criança, estimulando-a a percorrer livremente um caminho próprio consoante o valor único de cada ser humano. Exige uma humildade e um grande sentido de liberalidade do educador, que apenas é visto como um acompanhante incessante, como descreve a Professora M.F “(...) o educador vai atrás e empurra os seus alunos para a frente, lança-os (...)”(Anexo 3, linha 5). Nesse sentido, é fundamental que o educador reflita sobre a ação que exerce junto das crianças como modelo e exemplo, consciencializando-se da sua enorme responsabilidade. Siqueira (2003) realça que “Um professor deve buscar um aperfeiçoamento constante, ter um carinho especial pela profissão que abraçou e saber utilizar sua autoridade com moderação e imparcialidade.” (p.100). Sobre isto, M.F acrescenta ainda que o educador deve ser capaz de ter certezas, revelando firmeza e convicção diante dos seus alunos com a capacidade de os fazer crescer, de construir cidadãos felizes e autónomos que se “lançam na vida” à procura de algo maior. Reforça ainda a importância que o educador deve dar, assim como Gama, à construção de uma pedagogia de relação carregada de afeto e atenção, procurando encontrar no aluno o seu valor próprio que o distingue dos outros, reconhecendo as suas dificuldades e aptidões, construindo com ele um caminho prazeroso de aprendizagem e progresso. “O aluno acredita em nós e não deve acreditar em vão. Impõe-se-nos que mereçamos, com a nossa, a pureza dos nossos alunos; que a nossa alimente a deles, a mantenha.” (Gama, 1975,p.97).

Esta pedagogia de relação pressupõe que o educador tenha uma proximidade com o aluno, expressa numa entrega disponível que seja capaz de transmitir confiança e segurança. No seu diário, Sebastião da Gama (1975) revela ter uma enorme estima pelos seus alunos e entendemos pelo seu testemunho que se sentia profundamente feliz pelas conquistas deles, considerando-os como amigos e companheiros. “O Ludovico veio a minha casa durante as férias – mostrei-lhe Azeitão, Setúbal, Arrábida (...)” (Gama, 1975, p.106). Por outro lado, o educador L.R deixa claro a diferença do dever que lhe compete em contexto educativo e fora dele, entendendo que o educador apenas tem a responsabilidade de fazer os alunos felizes apenas no âmbito escolar: “O resto lá fora já não é comigo, mas aqui dentro eles vão sair sempre mais felizes do que entraram.” (Anexo 3, linha 163). Entendemos nas palavras de M.F, uma outra conceção sobre o

papel fundamental do educador como um ser incansável que procura dar o melhor de si, dar tudo de si aos outros. Como diz a Professora M. F: “Não há nada que dê mais gosto do que pensar e sentir a alegria de dar tudo.” (Anexo 3, linha 123). Esta exigência de que nos fala a entrevistada é também descrita por Sebastião da Gama como uma das suas principais características, a perseverança e a tenacidade. Julgamos que esta fé persistente e este acompanhamento firme do educador é resultado das boas intenções que tecem o coração dos grandes educadores, daqueles que pretendemos ser. Então, o ato de educar é visto pelos entrevistados como um trabalho do educador, de se entregar prontamente aos desafios da educação, de se esgotar para dar o melhor de si às crianças que lhes são confiadas. Por essa razão deve dedicar-se com amor e comprometimento nesta missão desafiadora.

Em suma, o objetivo principal dos educadores deve ser o de conduzir os alunos a um caminho de sucesso e satisfação. Nas palavras proferidas pelos três entrevistados e também nas palavras de Gama encontramos um sentimento comum: o desejo de promover o bem-estar e o sucesso dos alunos que lhes são confiados.

3.3 Relações pedagógicas transformadoras

Como já foi referido anteriormente, o relacionamento que o educador estabelece com a criança e a qualidade resultante dessa interação, tem um papel fundamental na aquisição de aprendizagens significativas e na construção do conhecimento. Silva e Navarro (2012) afirmam que “Dentro desse processo, essa relação deve estar pautada na confiança, afetividade e respeito, cabendo ao professor orientar o educando para o crescimento interno.” (p.96)

O quadro teórico apresentado enfatiza a enorme influência que as relações pedagógicas representam e exercem para cada um dos envolvidos neste processo. É verdade que as relações pedagógicas não são apenas benéficas para as crianças, também é importante referir que através destas interações, educador e aluno, edificam-se mutuamente, confortando-se com a certeza de uma presença transformadora para ambos os envolvidos. A professora M.F diz, sobre a sua experiência pessoal que:

“Eu aprendo imenso com a maneira como os meus alunos me perguntam as coisas, e que me dizem imenso sobre a sua própria posição humana, sobre o pouco que lhes estou a dar e onde eles querem chegar. As perguntas dos alunos dão-nos um feedback enorme de como o educador está a levar a sua ação pedagógica. Realmente a vida é feita de encontros, e nós crescemos com os encontros, mesmo com os mais pequeninos.” (Anexo 3, linha 215)

No entanto, a professora M.F alerta que é preciso o educador não se subestimar e, apesar de ser capaz de humildemente aprender com os alunos, ser consciente também do seu dever e sabedoria. Acrescenta, ainda sobre este assunto que,

“De qualquer maneira eu teria cuidado com esta frase porque é belíssimo dizer que se aprende muito com os alunos mas pode haver às vezes uma ambiguidade porque ouvimos muitas vezes dizer esta frase clique de que «não sou eu que lhes ensino, eles é que me ensinam a mim» como se o educador estivesse a descartar-se da sua imensa responsabilidade de transmitir. De facto ele vai à frente e isso é verdade. Não se trata de esquecer a grave missão que cabe ao adulto de passar ao outro toda a experiência adquirida, mas também a de aprender com o outro, porque há uma frescura do outro em aprender e de olhar, que faz com que a pessoa se possa renovar a si mesma”. (Anexo 3, linha 207).

Ao analisarmos o conteúdo das entrevistas entendemos que alguns participantes falam de características análogas que devem existir nas relações pedagógicas, como sejam a afetividade, lealdade, compromisso, tolerância e coerência. A Educadora M.P.B e a Professora M.F partilham a ideia de que o educador deve fazer despertar nas crianças um interesse e uma vontade em aprender, traduzida nas palavras de M.F, pela inquietude, que diz ser a característica “mais própria do ser humano” (Anexo 3, linha 45). Ainda sobre este assunto, M.P.B refere que essa relação pedagógica tolerante e leal incentiva o aluno a aprender com o próprio erro, ajudando-o a superar as dificuldades, com o desejo de aprender sempre mais com a ajuda e apoio do educador.

M.F descreve o estabelecimento de boas relações pedagógicas por duas fases essenciais, dizendo que primeiramente é necessário que o educador acolha cada criança tal como é, naturalmente. Na entrevista (Anexo 3, linha 58), é destacada a importância do acolhimento na criação de relações pedagógicas de qualidade, da maneira de receber

o outro, de o conceber como um ser único diferenciado, com capacidades e dificuldades próprias, gostos e interesses diferentes, experiências e vivências distintas. A entrevistada fala-nos de acolhimento como a etapa primordial da relação entre o educador e a criança, entendendo cada aluno como um dom. Acolher, no sentido de admitir cada um, de querer encontrar-se com ele e de lhe querer bem. Este desejo de “lhes querer bem” (Anexo 3, linha 67) é entendido com a segunda fase da relação estabelecida com os alunos. Sobre isto acrescenta ainda “Não só querer que a coisa que tenho para fazer se cumpra para eu ficar com o meu assunto resolvido, mas que o bem daquela pessoa se cumpra.” (Anexo 3, linha 68). Este sentimento puro e afável que é próprio do educador, deve ser entendido como um princípio orientador fundamental para a ação pedagógica. O egoísmo pode distrair o educador do que é essencial, do que é mais importante no estabelecimento de relações pedagógicas: o aluno.

Para L.R, boas relações são aquelas que são capazes de fazer com que os alunos se sintam bem e isso traduz-se pela alegria e pelos sorrisos dados em cada dia. “Eu acho que eles têm de estar alegres aqui, têm de andar a sorrir para gostarem disto, têm de sorrir.” (Anexo 5, linha 66). Acrescenta que o educador deve ser modelo, na medida em que pela forma coerente afetiva, sensível e atenta trata das crianças que lhes são confiadas.

Nessa mesma linha de pensamento, ainda sobre o estabelecimento de relações pedagógicas transformadoras, a Educadora M.P.B acrescenta que através da lealdade e do estabelecimento de vínculos afetivos com as crianças, o educador ajuda o seu crescimento, através de um clima propício que fomenta a autoestima e o prazer em aprender autonomamente.

“De um modo autêntico, afetivo, alegre e comunicativo. Deve estabelecer laços que os ajudem a crescer. Deve dar segurança, proporcionar um ambiente calmo seguro e estimulante que leve as crianças a serem cada vez mais autónomas e a ter uma boa autoestima.” (Anexo 4, linha 49)

Da análise das entrevistas, sobressaem as considerações feitas pelos entrevistados sobre importância da generosa disponibilidade e atenção do educador com

as crianças. Entendemos que o bom educador é aquele que na solicitude dos pequenos gestos, demonstra para além disso, uma preocupação maior com o aluno.

Concluindo, esta relação pedagógica é descrita por Sebastião da Gama como uma interação harmoniosa capaz de purificar a alma do educador e de trazer alento e ânimo para uma convivência prazerosa e benigna. “Principalmente harmonia - entendendo-se por harmonia justamente o que se deve entender-se: comunhão perfeita de nós todos.” (Gama, 1975, p. 91).

3.4 Considerações práticas sobre a experiência em contexto educativo

As repostas às questões colocadas relativamente à prática e a experiência dos entrevistados em contexto educativo, apresentam maioritariamente a ideia de que o educador é confrontado atualmente com desafios difíceis e situações controversas, necessitando de ter capacidade de resiliência, encontrando estratégias que o ajudem a ultrapassar essas dificuldades nas relações que estabelece com os seus alunos. Gama, no seu diário revela-se preocupado também com as consequências do mau ensino, entendendo que o ato de educar é tremendamente complexo e por isso, exige da parte do educador um cuidado na forma como atua e se relaciona com as crianças. “É que uma aula com a feição da de hoje deixa-me sem apreensões: tenho de vincar bem as coisas, não vá uma pequenina cabeça torcer, por compreensão errada, as minhas palavras e prejudicar em vez de ensinar.” (Gama, 1975, p. 110).

Ainda sobre isto, M.F ressalta a percepção de que o educador deve ser maturo e consciente da sua sapiência, considerando que existe, nos dias de hoje, a tendência de vulgarizar e enfatizar o estatuto de adulto, resultando numa vivência infantil despreocupada.

“A meu ver, os educadores de hoje em dia, o primeiro desafio que têm é de eles próprios serem adultos, porque há uma espécie de tentação e de ameaça às pessoas adultas de recusarem a sua própria “adultidade” e ficarem adolescentes, de quererem as coisas fáceis, só divertidas, ou de não reconhecer a realidade na totalidade que ela é, de só quererem ver umas partes e disfarçarem

as outras. Então o primeiro desafio do educador é o de ele ser mesmo adulto e nisso há consequentemente a capacidade de ter certezas.” (Anexo 3, linha 28)

Esta necessidade do adulto se reconhecer tal como é, pressupõe, como diz a entrevistada, que tenha a segurança e firmeza daquilo que julga saber, que tenha certezas. Ainda sobre este assunto afirma, que o bom educador precisa de ter convicções mas no entanto reforça a ideia que deve confrontar-se com outros, maiores do que ele que o ensinem, com a capacidade humilde em aprender. “Eu tenho mesmo a ideia de que o educador pode dar o que falta, se conseguir superar-se a si mesmo com a ajuda dos grandes.” (Anexo 3, linha 139).

Analisámos com pormenor as preocupações descritas pelos três entrevistados na criação de relações pedagógicas em contexto educativo. M.P.B e L.R mencionam que o trabalho com as famílias é fundamental no sucesso e qualidade das relações estabelecidas com as crianças. L.R comenta que nos dias de hoje, cada vez mais, o educador tem dificuldades maiores na relação com as famílias, justificando o número aumentado de divórcios e divergências que afetam em grande parte as relações pedagógicas e a qualidade da prática exercida.

“Acho que o que falta na educação é a colaboração das famílias. Como já falei há pouco, nos dias de hoje trabalhar com os pais é cada vez mais complicado e isso afeta também um pouco a relação que criamos com as crianças consequentemente.” (Anexo 5, linha 103)

Por outro lado, a Professora M.F fala-nos de uma preocupação diferente, sem esquecer a referida pelos outros participantes. No seu discurso, entendemos que a preocupação da entrevistada não é entendida por fatores externos da ação dos educadores, mas uma preocupação inerente ao fato de muitos dos educadores não olharem de forma consciente e reflexiva para o seu próprio trabalho. Numa visão mais profunda, a entrevistada exprime que:

“Hoje em dia, há preocupações muito éticas e morais: o adulto deve ser um modelo de boa convivência, boa tolerância, ter respeito pela natureza, reciclar - e eu acho que sim, que as

crianças têm que aprender a ter bons modos; mas o grande modelo que o educador deve procurar é o de ser uma pessoa que está na vida aberta às coisas, mesmo sôfrega do que há, percebendo que tudo o que existe foi feito para si e não deixar nada de fora.” (Anexo 3, linha 48)

É referido ainda, por M.P.B que é indispensável uma vontade e envolvimento por parte do educador em estabelecer relações positivas com as crianças.

“Penso que quem quer consegue mas é preciso querer e aí está o problema muitas vezes (risos).É preciso que o educador crie relações autênticas, isso é essencial no ensino. O mais difícil nesta profissão e o mais desafiante também é sermos pacientes.” (Anexo 4, linha 66).

A Professora M.F diz que a grande sabedoria para formar grandes educadores, vêm através do contacto e do confronto com testemunhos de pessoas “maiores do que nós”. Para ultrapassar os limites e as dificuldades de que falamos devemos ir ao encontro de pessoas que nos inspirem, que nos ensinem e que nos mostrem caminhos de verdade e de superação, experimentando na prática a veracidade desses conselhos, desses ensinamentos.

Finalizando este capítulo, compreendemos que o educador tem, na perspectiva dos participantes deste estudo, o dever máximo de procurar aperfeiçoar a sua prática, criando relações pedagógicas que aprimorem cada vez mais a qualidade humana dos seus alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Síntese sobre as respostas às questões de investigação colocadas

Pretendeu-se com este estudo, apresentar uma reflexão crítica e uma análise detalhada das representações de alguns educadores sobre o estabelecimento de interações pedagógicas que contribuam para a qualidade da ação educativa nos dias de hoje.. Inicialmente foram colocadas três questões de investigação que conduziram o estudo, no sentido de encontrar considerações válidas que respondessem de forma direta ao assunto tratado. Para a realização deste estudo, foi necessário efetuar uma vasta pesquisa sobre o tema abordado e recolher informação que o fundamentasse teoricamente e respondesse às perguntas de partida colocadas e que apresentamos seguidamente:

Quais as representações dos educadores sobre uma boa relação adulto/criança?

Compreendemos através das considerações feitas pelos entrevistados que, na sua perspetiva, uma boa relação pedagógica é aquela que é capaz de despertar no aluno uma vontade de aprender e crescer demonstrada pelo seu bem-estar e pela alegria genuína da sua presença. Compreendemos que essa ligação possibilita à criança e ao adulto um crescimento construtivo que é a base e sustento do processo educativo. A relação pedagógica é de extrema importância e deve ser vista pelos educadores como o “ponto chave para o pleno desenvolvimento da criança.” (Silva & Navarro, 2012, p.96).

Quais as estratégias a desenvolver para o estabelecimento de uma boa relação adulto/criança?

Verificámos que a afetividade e o diálogo são aspetos fundamentais na criação de relações pedagógicas positivas. Esta relação humana de que falamos tem por base vínculos afetivos estabelecidos entre o educador e a criança e para que a qualidade destas interações se faça notar é necessário que, segundo os entrevistados, o educador envolva a criança, acolhendo-a de forma leal, tolerante e coerente.

Para que deve o educador criar com as crianças uma boa relação pedagógica?

Entendemos que, ao desenvolver relações pedagógicas positivas, o educador possibilita a cada criança uma confiança transformadora capaz de impulsionar o

desenvolvimento das suas capacidades e aptidões. Esta interação visa promover o bem-estar da criança, bem como o seu sucesso no futuro, tendo em conta que “(...) enquanto aquele ser humano não se tiver cumprido, eu não acabei a minha missão, e sou eu que não estou acabada, independentemente de ele estar ou não estar.” (Anexo 3 , linha 101)

Investigações futuras a partir deste trabalho e possíveis reformulações

Com a elaboração deste trabalho tentámos apresentar de forma clara respostas pertinentes às questões de investigação colocadas, no entanto, temos consciência que esta investigação poderia sofrer algumas alterações e reformulações por se tratar de um tema vasto e bastante abrangente. O curto tempo disponível foi uma variável que condicionou bastante o trabalho desenvolvido, por isso poderá ser continuada esta investigação num outro contexto, com um tempo de realização mais alargado. Nesse sentido, propomos futuras investigações adotando diferentes técnicas de recolha de dados como por exemplo a implementação de um projeto de intervenção ou a elaboração de uma escala de empenhamento do adulto, de acordo com a observação direta em contexto da prática de ensino supervisionada. A participação de um número maior de profissionais poderia também enriquecer e aprofundar o presente estudo.

Contudo, apesar das referidas limitações, este trabalho de investigação vem colocar em evidência que é fundamental e indispensável que o educador se defronte repetidas vezes com o tema da relação, no sentido de entender, progredir e melhorar a sua prática, avaliando e justificando a sua ação e os seus ideais pessoais.

Contribuição para o desenvolvimento profissional e pessoal

Este trabalho contribuiu de forma considerável para a compreensão da influência poderosa do estabelecimento de relações pedagógicas na infância. O facto de ter partido de um interesse pessoal estimulou-nos a investigar de forma mais entusiasmada, procurando refletir sobre a prática, no sentido de melhorar e aperfeiçoar o trabalho exercido junto das crianças.

Esta aprendizagem ativa tornou-se um trabalho exigente e rigoroso, contribuindo para o desenvolvimento da nossa capacidade reflexiva e investigadora. Foi de facto muito benéfico entender as diferentes perspetivas dos entrevistados, comparando a informação recolhida, justificando teoricamente o assunto tratado. Como foi referido anteriormente pela entrevistada M. F, devemos procurar encontrarmo-nos com pessoas que testemunhem bons ensinamentos para o desenvolvimento de uma prática bem sucedida, construindo a nossa própria identidade profissional.

Temos esperança que este trabalho que apresentamos sirva também como instrumento útil e potenciador de capacidades reflexivas sobre a prática, promovendo a qualidade da relação entre educadores e alunos. Esperamos que através desta investigação, futuros educadores se interroguem sobre as convicções e motivações que têm, tomando consciência da influência do seu trabalho na vida das crianças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aires, L. (2011). *Paradigma qualitativo e práticas de investigação educacional*. Lisboa: Universidade Aberta.

Amado, J., Freire, I., Carvalho, E., & André, M. (2009) O lugar da afectividade na Relação Pedagógica. Contributos para a Formação de Professores. *Revista de Ciências da Educação*, 08, 75- 86.

Bardin, L. (2009). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Bogdan, B., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação: Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora.

Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática pedagógica*. São Paulo: Paz e Terra.

Gama, S. (1975). *Diário de Sebastião da Gama*. (5ª edição). Lisboa: Edições Ática.

Herrero, J. (1999). *Pedagogia de Sebastião da Gama, O "Diário" à Luz da Psicopedagogia*. (2ª Edição). Lisboa: Editorial o Livro.

Lüdke, M., & André, M. (2005). *Pesquisa em educação: Abordagens qualitativas* (9ª Edição). São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária.

Magalhães, S. (2011). Relação Pedagógica, afetividade, sensibilidade: Pressupostos transdisciplinares para a formação docente. *Educação e Fronteiras On-Line*, 1(3), 51- 63.

Martins, E. (1996). *Educação e Doutrinação: O pensamento educacional de Sebastião da Gama*. Dissertação de Mestrado em Educação apresentada ao Instituto de Educação e Psicologia, Braga.

Marcos, L. (2008) *A auto-estima: A nossa força secreta*. Lisboa: A esfera dos livros.

Martins, J., Vasconcelos, A., Silva, A., & Soares, J. (2005). A presença do diálogo na relação professor-aluno. *V Colóquio Internacional Paulo Freire – Recife*, 19.

Moraes, R. (1999) Análise de conteúdo. *Revista Educação*, 22(37), 7-32.

Nóvoa, A. (2003). *Dicionário de Educadores Portugueses*. Porto: Asa Editores.

Post, J., & Hohmann, M. (2007) *Educação de Bebés em Infantários – Cuidados e Primeiras Aprendizagens*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Santomé, J. T. (2006). *A desmotivação dos professores*. Lisboa: Edições Pedago.

Siqueira, D. (2003). Relação professor-aluno: uma revisão crítica. *Conteudoescola*, (33), 97-101

Silva, O. G., & Navarro, E. C. (2012). A Relação professor-aluno no processo ensino-aprendizagem. *Revista Eletrônica Interdisciplinar*, 2(8), 95-100.

Soveral, M. (1996). *O sujeito e formação: Desenvolvimento do aluno/pessoa no contexto da relação pedagógica*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação/Educação e Desenvolvimento apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia, Lisboa.

Spodek, B. (2002) *Manual de Investigação em Educação de Infância*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Triviños, A. N. S. (1987). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas.

Zabalza, M. (1994). *Diários de aula: contributo para o estudo de dilemas práticos dos professores*. Porto: Porto Editora.

ANEXOS

ANEXO 1 - GUIÃO DA ENTREVISTA COMUM

GUIÃO DE ENTREVISTA COMUM

Esta entrevista tem como finalidade conhecer a perspectiva do entrevistado sobre:

- › A influência e a importância da relação educador/aluno.
- › A forma como pode o educador potenciar boas relações com os seus alunos.
- › Definição de relação de qualidade entre o educador e o aluno.
- › Como pode o educador construir com os seus alunos uma boa relação pedagógica.

DADOS DA ENTREVISTA:

Data:

Hora:

Duração aproximada:

Local:

DADOS DA/O ENTREVISTADA/O:

Nome:

Idade:

Profissão:

Local de Trabalho:

Curso:

1. O que é, para si, “educar”?
2. Todos podemos educar? Porquê?
3. Que desafio têm os educadores hoje em dia? Que missão têm?
4. Que modelo deve o educador procurar ser para os seus alunos?
5. De que maneira deve o educador relacionar-se com os seus alunos? Para quê?
6. Do que observa, no contexto onde trabalha, como caracteriza a relação dos educadores com os alunos?
7. Que dificuldades sentem os educadores na relação que estabelecem com os alunos?
8. O que acha que falta nessas relações? Porquê?

Sebastião da Gama nasceu no ano de 1924 e licenciou-se em Filologia Românica na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Foi professor em Lisboa, Setúbal e Estremoz. Publica em 1945, o seu livro *Serra-Mãe e após a* sua morte, no ano de 1958, o seu diário: *O Diário de Sebastião da Gama*.

O Diário de Sebastião da Gama é o testemunho como docente no trabalho diário com os seus alunos, defendendo sempre a sua liberdade e felicidade. Coloca o professor como principal responsável pelo sucesso ou insucesso escolar dos seus alunos e propõe ao educador uma atitude de avaliação e progresso.

Sebastião da Gama centra a sua pedagogia no aluno, no respeito e no amor por ele, procurando sempre a sua felicidade. Realça também as qualidades do docente, desejando amar os alunos, sendo criativo, respeitador e alegre.

9. Sebastião da Gama, dizia que o bom educador deveria ser leal, alegre, disponível e atento. Para si, que características especiais tem o bom educador?
10. Gama, considerava a reflexão que fazia das suas aulas um sistema avaliativo poderoso. Na sua opinião, de que forma contribui a avaliação pessoal para o progresso da ação pedagógica do educador?
11. Sebastião da Gama, dizia no seu diário que aprendia muitas coisas com os seus alunos. Que pode o educador fazer para ser capaz de escutar e aprender com os seus alunos?
12. Gama, centra a sua pedagogia no aluno, no respeito e no amor por ele procurando sempre a sua felicidade. Como pode o educador fazer os seus alunos felizes? Para quê?

**ANEXO 2 - GUIÃO DA ENTREVISTA ADAPTADA À
PROFESSORA M.F**

GUIÃO DE ENTREVISTA ADAPTADA À PROFESSORA MADALENA
FONTOURA

Esta entrevista tem como finalidade conhecer a perspetiva do entrevistado sobre:

- › A influência e a importância da relação educador/aluno.
- › A forma como pode o educador potenciar boas relações com os seus alunos.
- › Definição de relação de qualidade entre o educador e o aluno.
- › Como pode o educador construir com os seus alunos uma boa relação pedagógica.

DADOS DA ENTREVISTA:

Data:

Hora:

Duração aproximada:

Local:

DADOS DA/O ENTREVISTADA/O:

Nome:

Idade:

Profissão:

Local de Trabalho:

Curso:

1. O que é, para si, “educar”?
2. Todos podemos educar? Porquê?
3. Que desafio têm os educadores hoje em dia? Que missão têm?
4. Que modelo deve o educador procurar ser para os seus alunos?
5. De que maneira deve o educador relacionar-se com os seus alunos? Para quê?
6. Do que observa, no contexto onde trabalha, como caracteriza a relação dos educadores com os alunos?
7. Que dificuldades sentem os educadores na relação que estabelecem com os alunos?
8. O que acha que falta nessas relações? Porquê?
9. Num artigo que publicou para a Fundação Maria Ulrich, escreveu que “falta uma coisa”! Que coisa é essa que falta na Educação?
10. Na sua opinião como pode o educador, deixar que não falte essa “coisa”?

Sebastião da Gama nasceu no ano de 1924 e licenciou-se em Filologia Românica na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Foi professor em Lisboa, Setúbal e Estremoz. Publica em 1945, o seu livro *Serra-Mãe e após a sua morte*, no ano de 1958, o seu diário: *O Diário de Sebastião da Gama*.

O Diário de Sebastião da Gama é o testemunho como docente no trabalho diário com os seus alunos, defendendo sempre a sua liberdade e felicidade. Coloca o professor como principal responsável pelo sucesso ou insucesso escolar dos seus alunos e propõe ao educador uma atitude de avaliação e progresso.

Sebastião da Gama centra a sua pedagogia no aluno, no respeito e no amor por ele, procurando sempre a sua felicidade. Realça também as qualidades do docente, desejando amar os alunos, sendo criativo, respeitador e alegre.

11. Sebastião da Gama, dizia que o bom educador deveria ser leal, alegre, disponível e atento. Para si, que características especiais tem o bom educador?
12. Gama, considerava a reflexão que fazia das suas aulas um sistema avaliativo poderoso. Na sua opinião, de que forma contribui a avaliação pessoal para o progresso da ação pedagógica do educador?
13. Sebastião da Gama, dizia no seu diário que aprendia muitas coisas com os seus alunos. Que pode o educador fazer para ser capaz de escutar e aprender com os seus alunos?
14. Gama, centra a sua pedagogia no aluno, no respeito e no amor por ele procurando sempre a sua felicidade. Como pode o educador fazer os seus alunos felizes? Para quê?

**ANEXO 3 - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DA PROFESSORA
M.F**

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DA PROFESSORA M.F

Esta entrevista tem como finalidade conhecer a perspetiva do entrevistado sobre:

- › A influência e a importância da relação educador/aluno.
- › A forma como pode o educador potenciar boas relações com os seus alunos.
- › Definição de relação de qualidade entre o educador e o aluno.
- › Como pode o educador construir com os seus alunos uma boa relação pedagógica.

DADOS DA ENTREVISTA:

Data: 05/05/2015

Hora: 20h30m

Duração aproximada: 1h

Local: Centro Comercial das Amoreiras

DADOS DA(O) ENTREVISTADA/O:

Nome: M. F

Idade: 53 anos

Profissão: Reitora

Local de Trabalho: Colégio do Ramalhão, Sintra

Curso: Licenciatura em Psicologia na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação e
Supervisão em Psicologia Escolar pelo Instituto Superior de Psicologia Aplicada.

1. O que é, para si, “educar”?

Um educador que eu sigo muito, dizia que às vezes pensamos que educar é puxar, temos a ideia que educar é quando o educador vai à frente a puxar pelo aluno para ele o seguir, mas há outra maneira de olhar, que é a ideia de que o educador vai atrás e empurra os seus alunos para a frente, lança-os, e eu gosto mais desta última. Educar parece-me ser lançar a pessoa na vida, na realidade como ela é, atirá-la para a frente. Não simplesmente levá-la para onde a pessoa quer levá-la, mas lançá-la obviamente acompanhada e obviamente amparada.

2. Todos podemos educar? Porquê?

Todos podemos educar e todos o fazemos quer queiramos quer não. Como o fazemos é que pode ser para muitos lados, é o educar no sentido lato, porque podemos educar mal, podemos educar bem, podemos até deseducar. Mas educar no sentido de que todos transmitimos e passamos alguma coisa ao outro, que o outro bebe, que o outro observa, que o outro algumas vezes tende a imitar. Portanto o adulto tem este efeito nas crianças: o efeito de curiosidade, de seguimento, que qualquer adulto tem, e por isso qualquer adulto sobre a criança tem uma responsabilidade tremenda que é educar no sentido de fazer a criança crescer, ou pode simplesmente apresentar-se diante dela com um conjunto de maneiras de estar na vida, que acaba por não o construir, e o destruir.

Por isso, porque é que todos podemos educar? Porque está feita assim a vida, aos pequenos e aos grandes, e o grande tem na vida o papel de ser o que transmite; todos educamos, quer queiramos quer não, resta saber é como.

3. Que desafio têm os educadores hoje em dia? Que missão têm?

28 A meu ver, os educadores de hoje em dia, o primeiro desafio que têm é de eles
29 próprios serem adultos, porque há uma espécie de tentação e de ameaça às pessoas
30 adultas de recusarem a sua própria “adultidade” e ficarem adolescentes, de quererem as
31 coisas fáceis, só divertidas, ou de não reconhecer a realidade na totalidade que ela é, de
32 só quererem ver umas partes e disfarçarem as outras. Então o primeiro desafio do
33 educador é o de ele ser mesmo adulto e nisso há consequentemente a capacidade de ter
34 certezas.

35 Hoje em dia as crianças vivem numa espécie de um mar de relativismo tão grande
36 que parece que tudo vale, e no entanto vale tudo e o seu contrário. Um adulto capaz de
37 ter certezas, não uma afirmação arbitrária, mas como uma experiência comprovada e
38 sobre a qual se fez um juízo, e sobre a qual se pode dizer: “não, isto é assim; é por aqui,
39 isto é certo”. Acho que talvez seja esse o maior desafio dos educadores: o de ter
40 certezas.

41

42 **4. Que modelo deve o educador procurar ser para os seus alunos?**

43

44 Uma pergunta que também me podias fazer era: “o Educador deve ser um modelo?”
45 (risos). Porque cada pessoa é tão única, não é? Se uma pessoa deve ser um modelo deve
46 ser na busca, na inquietude, naquilo que é mais próprio do ser humano e que realmente
47 se pode partilhar com todos os outros, que é o facto de a pessoa ter sede, ir à procura,
48 estar aberto ao que acontece. Hoje em dia, há preocupações muito éticas e morais: o
49 adulto deve ser um modelo de boa convivência, boa tolerância, ter respeito pela
50 natureza, reciclar - e eu acho que sim, que as crianças têm que aprender a ter bons
51 modos; mas o grande modelo que o educador deve procurar é o de ser uma pessoa que
52 está na vida aberta às coisas, mesmo sôfrega do que há, percebendo que tudo o que
53 existe foi feito para si e não deixar nada de fora. Eu acho que um educador com esta
54 abertura também defende os seus alunos da chegada à adolescência sem dizer aquela
55 frase tão conhecida: “que seca...”. (risos)

5. De que maneira deve o educador relacionar-se com os seus alunos? Para quê?

Eu acho que a primeira coisa mais importante na relação com os alunos é talvez o acolhimento, o acolher o outro tal como ele é, e isso é uma coisa preciosa. Nós temos mais a tendência de pensar no que temos para lhes dar, mas a primeira coisa que é preciso é acolher aquela pessoa que nós temos diante, vê-la mesmo como um dom. Às vezes eu não percebo o que é que os meus alunos mais pequeninos me dizem, mas percebe-se na cara deles que têm uma coisa para me dizer; e eu posso só enchê-los de beijinhos ou fazer-lhes festinhas na cabeça; mas eu percebo que se eles precisam de me dizer uma coisa e se eu não paro para ouvir que coisa é essa, mesmo que seja imperfeita, incompleta ou inútil, eles ficam tristes.

Por isso, este “ir ao encontro deles” parece-me ser a primeira fase da relação e depois o querer mesmo o bem daquela pessoa, querer-lhe bem. Não só querer que a coisa que tenho para fazer se cumpra para eu ficar com o meu assunto resolvido, mas que o bem daquela pessoa se cumpra. Depois amadurecer o que eu tenho para lhe transmitir e que, adquirindo cada vez mais riqueza, lhe consiga transmitir os meus ensinamentos de uma maneira que seja útil. Mas eu é que tenho de ir ao encontro dele, fazer-lhe chegar aquilo que quero transmitir. Para acabar, há ainda uma coisa essencial para que a relação se torne verdadeira, que é o passo de dar a vida: dar de nós, dar tempo ao outro, dar de si. Na verdade, nenhuma relação se cumpre até ao fim sem a pessoa estar disposta a dar-se.

6. Do que observa, no contexto onde trabalha, como caracteriza a relação dos educadores com os alunos?

Eu acho que sou privilegiada porque trabalho num sítio onde encontro pessoas com uma grande qualidade humana. Encontro pessoas capazes de estimar as crianças, de gostar delas, de se encantarem com as coisas que elas dizem e fazem, de fazer coisas em

conjunto com elas, de rir com elas, de se dedicarem a elas, de estarem atentas às dificuldades delas, de as receber de volta e perdoar.

7. Que dificuldades sentem os educadores na relação que estabelecem com os alunos?

Às vezes, hoje o que pode ser mais difícil é controlar uma certa exasperação com o mau comportamento dos alunos, porque há consequentemente uma zanga do educador com os defeitos, com as coisas mal feitas das crianças. E a grande tentação é o educador pôr-se naquela posição: “tu atingiste o meu limite, já não te posso aturar”, porque não é suposto o educador ter limites; o educador é como uma pessoa qualquer que está a fazer um caminho: recomeça e cai, cai e recomeça, e portanto o aluno e os seus defeitos não podem ser uma coisa que nos vença, que nos quebre. Portanto, talvez hoje em dia nas relações com as crianças, às vezes o que parece e do que observo, até os mais tolerantes dos professores têm ali um limite - “agora isto não pode ser mais” - e isso é errado, porque enquanto aquele ser humano não se tiver cumprido, eu não acabei a minha missão, e sou eu que não estou acabada, independentemente de ele estar ou não estar.

8. O que acha que falta nessas relações? Porquê?

Acho que falta Cristianismo, mas posso chegar lá de outra maneira. O coração do homem é tão uno. Falta ter esta certeza absoluta de uma redenção, da certeza que não há nenhum sítio tão longe onde se chegue que não se possa voltar, que de facto se pode começar limpo, que a pessoa não está marcada e que pode começar de novo. Acho que o que faz falta é este amor incansável, é isso que eu acho que faz falta nas relações.

9. Num artigo que publicou para a Fundação Maria Ulrich, escreveu que “falta uma coisa”! Que coisa é essa que falta na Educação?

114

115 Eu acho que nesse artigo eu dizia uma coisa que também vou dizer agora ...(risos),
116 que é o seguinte: na educação, como na vida, falta sempre uma coisa - porque realmente
117 nós somos feitos de uma medida sem medida. Portanto, por muito que se dê, o que falta
118 é dar-mo-nos a nós próprios e só quando uma pessoa se gasta sem medida, quando se dá,
119 no sentido de dar a própria vida. No outro dia estive com uma grande educadora que faz
120 muitos trabalhos de tempo livre com os miúdos e ela dizia-me: “Madalena, estou a falar
121 de não ter fins-de-semana, tempos livres, de não ter tempo para mim porque as
122 preocupações deles, a falta de dinheiro, as dificuldades da família, as alegrias deles,
123 problemas de estudo, são as minhas também; e por isso tenho de estar sempre lá para
124 eles ”. E eu estava a olhar para aquela mulher tão feliz e estava a pensar: falta tanta
125 coisa ainda! Não há nada que dê mais gosto do que pensar e sentir a alegria de dar tudo!
126 E é isto que falta, porque há sempre uma última coisa que falta fazer.

127

128 **10. Na sua opinião, como pode o educador deixar que não falte essa “coisa”?**

129

130 Olha, aqui é a grande sabedoria do educador é deixar-se educar. Eu nem percebo
131 como é que uma pessoa pode educar sem se deixar educar. As coisas que me têm
132 tornado mais profunda a minha capacidade de educar são a memória de ficar comovida,
133 e até às vezes desconfortável, de estar diante de pessoas com muito mais categoria
134 humana do que eu. Quando uma pessoa está diante de uma pessoa assim, é uma
135 comoção de beleza e de admiração por aquela pessoa. Outras vezes podemos até sentir
136 aquele pequenino desconforto da pessoa achar-se pequena ou curta e perguntar-se:
137 porque é que ela consegue e eu não? Isso é uma coisa maravilhosa, quando temos a
138 noção do nosso limite, do nosso nada, de encontrar para quem olhar.

139 Eu tenho mesmo a ideia de que o educador pode dar o que falta, se conseguir
140 superar-se a si mesmo com a ajuda dos grandes. Esse “ter para quem olhar” permite que
141 o educador dê ainda mais um passo, que vá para além do que viu e do que já foi capaz
142 de fazer. Tu podes viver de uma maneira que nem dás conta do que falta, e eu espero
143 não me faltar nunca alguém maior do que eu para quem eu possa olhar para que isso não
144 me aconteça.

Isto na prática é muito concreto, porque na educação encontramos muitas pessoas maiores do que nós: professores, testemunhos, pessoas que conhecemos com quem convivemos, no teu caso o Sebastião da Gama, com quem te identificas muito. Por isso, devemos fazer o esforço de ir aos lugares de encontro com essas pessoas maiores do que nós: às conferências, às aulas, às bibliotecas, em conversas etc...

Para aprender com os grandes, é preciso duas coisas: ler ou ouvir o que eles têm para dizer; e depois verificar, experimentar na prática; porque não basta a comoção, nem pedir uma instrução para uso, é preciso esbarrar com uma realidade que te comove e depois verificar na tua vida se isso é útil.

Sebastião da Gama nasceu no ano de 1924 e licenciou-se em Filologia Românica na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Foi professor em Lisboa, Setúbal e Estremoz. Publica em 1945 o seu livro “*Serra-Mãe*”, e após a sua morte, no ano de 1958, o seu diário: *O Diário de Sebastião da Gama*.

O Diário de Sebastião da Gama é o testemunho como docente no trabalho diário com os seus alunos, defendendo sempre a sua liberdade e felicidade. Coloca o professor como principal responsável pelo sucesso ou insucesso escolar dos seus alunos e propõe ao educador uma atitude de avaliação e progresso.

Sebastião da Gama centra a sua pedagogia no aluno, no respeito e no amor por ele, procurando sempre a sua felicidade. Realça também as qualidades do docente, desejando amar os alunos, sendo criativo, respeitador e alegre.

11. Sebastião da Gama dizia que o bom educador deveria ser leal, alegre, disponível e atento. Para si, que características especiais têm o bom educador?

Um bom educador tem de estar sempre a aprender, tem que gostar e “regostar” mais da coisa que tem para ensinar. Por exemplo, se uma educadora tem uma colega que lhe oferece uma planificação já feita, é evidente que isso lhe dá imenso jeito, mas a grande questão é a pessoa ir mais ao fundo daquilo que é visível.

Quando tens que ensinar Matemática, tens que saber Matemática. Há uma coisa que é típica das Escolas Superiores de Educação que é de ensinar técnicas e métodos em vez de ensinar a própria matéria, e isso é preocupante porque é superficial.

12. Gama considerava a reflexão que fazia das suas aulas um sistema avaliativo poderoso. Na sua opinião, de que forma contribui a avaliação pessoal para o progresso da ação pedagógica do educador?

Muito, porque se tu não fazes um juízo sobre cada coisa que te acontece, se tu só consumes o que fazes, por ex. ”esta atividade está feita, passa para a próxima...”, isto nem sequer se torna uma experiência na tua vida. Por isso tens mesmo de parar, avaliar tudo e reter o que é bom, perceber o que foi bom e ter capacidade de gerir o que foi mau. Mas sobre isso devo dizer que acredito que, para a fecundidade de uma relação pessoal, acho que é fundamental o confronto com outros. Por isso, eu acho que a relação muito introspetiva, uma relação consigo mesma, corre o risco da pessoa nem se aperceber de como é que é vista de fora, qual é a realidade sobre si própria e por isso pode enganar-se, pode confundir-se.

A grande questão aqui é o grande desafio da avaliação, que é aceitarmos confrontar-nos com outros; isso dá sempre um desconforto e dá muito trabalho, porque o outro diz-nos sempre uma coisa que nos é estranha, que não é aquela que queríamos ouvir, e mesmo quando diz bem, parece que é qualquer coisa ao lado da nossa. O outro é sempre “outro”, é uma alegria mas ao mesmo tempo um desconforto, por isso eu concordo com ele; mas esta reflexão, para ser completa, tem de passar por um confronto com outros, parece-me.

13. Sebastião da Gama dizia no seu diário que aprendia muitas coisas com os seus alunos. Que pode o educador fazer para ser capaz de escutar e aprender com os seus alunos?

204 Em primeiro lugar, é preciso que ele não esteja convencido que sabe tudo (risos). É
205 preciso não ser velho e achar que se sabe tudo. Em posso ter vinte anos e ser uma
206 grande velha e estar convencida que já sei tudo. De qualquer maneira eu teria cuidado
207 com esta frase porque é belíssimo dizer que se aprende muito com os alunos, mas pode
208 às vezes haver uma ambiguidade, porque ouvimos muitas vezes esta frase cliché de que
209 “não sou eu que lhes ensino, eles é que me ensinam a mim”, como se o educador
210 estivesse a descartar-se da sua imensa responsabilidade de transmitir. De facto, ele vai à
211 frente, e isso é verdade, mas não se trata de esquecer a grave missão que cabe ao adulto
212 de passar ao outro toda a experiência adquirida; mas também aprende com o outro
213 porque há uma frescura do outro aprender e de olhar, que faz com que a pessoa possa
214 renovar-se a si mesma.

215 Eu aprendo imenso com a maneira como os meus alunos me perguntam as coisas, e
216 que me dizem imenso sobre a sua própria posição humana, sobre o pouco que lhes estou
217 a dar e onde eles querem chegar. As perguntas dos alunos dão-nos um feedback enorme
218 de como o educador está a levar a sua ação pedagógica. Realmente a vida é feita de
219 encontros, e nós crescemos com os encontros, mesmo com os mais pequeninos.

220

221 **14. Gama centra a sua pedagogia no aluno, no respeito e no amor por ele,**
222 **procurando sempre a sua felicidade. Como pode o educador fazer os seus**
223 **alunos felizes? Para quê?**

224

225 O educador não pode fazer os seus alunos felizes porque isso é muito acima da sua
226 capacidade, e por isso é bom que fique aqui claro para a posteridade ...(risos): fazer
227 uma outra pessoa feliz é uma coisa impossível!

228 O que é centrar a sua pedagogia no aluno? Penso que seja partir de uma aposta no
229 que é que o seu humano tem para dar, na grandeza do ser humano. Mais uma vez o
230 Cristianismo ajuda nisto porque é preciso uma certeza do que há no homem, e perceber
231 que todo o olhar humano pode cansar-se, pode fazer maldades, e consequentemente há
232 uma descrença no homem; por isso é preciso um olhar maior do que o do homem para
233 acreditar no homem.

ANEXO 4 - TRASNCRIÇÃO DA ENTREVISTA A M. P. B

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA A M. P. B

Esta entrevista tem como finalidade conhecer a perspectiva do entrevistado sobre:

- › A influência e a importância da relação educador/aluno.
- › A forma como pode o educador potenciar boas relações com os seus alunos.
- › Definição de relação de qualidade entre o educador e o aluno.
- › Como pode o educador construir com os seus alunos uma boa relação pedagógica.

DADOS DA ENTREVISTA:

Data: 15/ 05/ 2015

Hora: 17h:30m

Duração aproximada: 40 minutos

Local: Café Canas, Campo de Ourique

DADOS DA(O) ENTREVISTADA(O):

Nome: M. P. B

Idade: 52 anos

Profissão: Educadora de Infância

Local de Trabalho: Agrupamento de Escolas Padre Bartolomeu de Gusmão- EB1/JI
Engenheiro Ressano Garcia

Curso: Educadora de Infância ESE Maria Ulrich, CESE Supervisão Pedagógica ESE
Marai Ulrich, Mestrado em Supervisão Pedagógica ESE João de Deus

1. O que é, para si, “educar”?

Educar é antes de tudo, criar laços que nos permitam desenvolver competências sociais entre os intervenientes do processo educativo. É uma transmissão não só de valores como de raízes culturais e de aptidões cognitivas, sociais, emocionais etc.

Quando comecei o meu curso de educadora, há trinta e dois anos atrás, lembro-me que ler uma frase do Confúcio, que me marcou muito e que eu concordo a cem por cento “Ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho”.

Este paradoxo é uma realidade e um dos pontos principais que devemos sempre refletir no nosso papel enquanto educadoras de um grupo de crianças. Educar quem? para quê? Quais são as nossas finalidades e quais os nossos objetivos? Será que a estamos a ter em conta a criança que é um ator do seu desenvolvimento ou estamos a tentar moldá-la? Muitas questões se levantam no ato de educar mas para mim o essencial na educação é a transmissão de valores que permita à criança viver na sociedade em que está inserida tendo em conta que tem direitos e deveres. Isso é o mais importante.

2. Todos podemos educar? Porquê?

Sim, todos podemos educar claramente. Educamos não só na escola mas também em casa e em todos os lugares até nos recreios, ao inserir um a criança num contexto social respeitando-se a si próprio e aos outros. Faz-me tanta confusão esta indiferença das pessoas naquilo que transmitem aos outros, não têm consciência muitas vezes do exemplo que são.

3. Que desafio têm os educadores hoje em dia? Que missão têm?

O papel do educador é ser um modelo para os seus alunos. Os educadores têm uma missão muito complexa de definir as suas finalidades educativas. Muitas vezes esta missão leva-nos a vários problemas de consciência: o definir o que se quer.

No momento em que vivemos é muito complicado educar pois leva-nos a refletir constantemente sobre o que queremos para as nossas crianças, se é uma educação por valores ou se é uma educação em que o que interessa é sobreviver no mundo. Eu continuo a achar que a transmissão de valores é o mais importante mas há que prepará-los para enfrentar as adversidades que a vida traz.

4. Que modelo deve o educador procurar ser para os seus alunos?

O educador deve ser o modelo para os seus alunos. Deve ser alegre, verdadeiro, motivador, estimulante e envolvente. É aquele que falha e assume o seu erro, é aquele que procura incentivar a experimentar errar avaliar e não ter medo de voltar a tentar e voltar a tentar outra vez, isto é muito importante! O educador deve estimular nas crianças o gosto por o saber sempre mais. O gosto por aprender e descobrir o mundo explorando-o.

5. De que maneira deve o educador relacionar-se com os seus alunos? Para quê?

De um modo autêntico, afetivo, alegre e comunicativo. Deve estabelecer laços que os ajudem a crescer. Deve dar segurança, proporcionar um ambiente calmo seguro e estimulante que leve as crianças a serem cada vez mais autónomas e a ter uma boa autoestima.

6. Do que observa, no contexto onde trabalha, como caracteriza a relação dos educadores com os alunos?

56

57 Depende muito de educador para educador. No geral acho que a ligação afetiva é a
58 base para qualquer aprendizagem e desenvolvimento. Se criarmos na criança uma boa
59 ligação e uma boa autoestima ela mais facilmente aprende e assume o que não sabe
60 fazer. Nos tempos que vão correndo é importante as crianças terem a noção que errar é
61 humano e, que o assumir esse erro pode levar-nos mais à frente e ultrapassar barreiras.

62

63 **7. Que dificuldades sentem os educadores na relação que estabelecem com os**
64 **alunos?**

65

66 Penso que quem quer consegue mas é preciso querer e aí está o problema muitas
67 vezes (risos).É preciso que o educador crie relações autênticas, isso é essencial no
68 ensino. O mais difícil nesta profissão e o mais desafiante também é sermos pacientes.

69

70 **8. O que acha que falta nessas relações? Porquê?**

71

72 Veracidade e empenho. Porque estabelecer relações não envolve só a criança mas
73 também a família, os colegas etc. Devemos preocuparmo-nos com os outros, não
74 sermos egoístas e acharmos que sabemos tudo. A paciência que ainda agora falámos
75 também é muito importante nesta profissão porque é desgastante e exige muito de nós,
76 muita persistência.

77

78 Sebastião da Gama nasceu no ano de 1924 e licenciou-se em Filologia Românica na Faculdade
79 de Letras da Universidade de Lisboa. Foi professor em Lisboa, Setúbal e Estremoz. Publica em 1945,
80 o seu livro *Serra-Mãe e* após a sua morte, no ano de 1958, o seu diário: *O Diário de Sebastião da*
81 *Gama*.

82 O Diário de Sebastião da Gama é o testemunho como docente no trabalho diário com os seus
83 alunos, defendendo sempre a sua liberdade e felicidade. Coloca o professor como principal

responsável pelo sucesso ou insucesso escolar dos seus alunos e propõem ao educador uma atitude de avaliação e progresso.

Sebastião da Gama centra a sua pedagogia no aluno, no respeito e no amor por ele, procurando sempre a sua felicidade. Realça também as qualidades do docente, desejando amar os alunos, sendo criativo, respeitador e alegre.

9. Sebastião da Gama, dizia que o bom educador deveria ser leal, alegre, disponível e atento. Para si, que características especiais tem o bom educador?

Sim parece-me o mais importante. As orientações curriculares falam muito disto, da criança como autor do seu próprio desenvolvimento, por isso à que envolver o aluno no seu processo de aprendizagem e não ele ser um mero espectador. Para que isso aconteça, para os envolver é preciso que o educador seja alegre disponível verdadeiro e que incentive as crianças a serem autónomas dando-lhes gosto na descoberta do mundo e do seu eu interior.

10. Gama, considerava a reflexão que fazia das suas aulas um sistema avaliativo poderoso. Na sua opinião, de que forma contribui a avaliação pessoal para o progresso da ação pedagógica do educador?

Planear, avaliar e refletir são essenciais na educação, se queremos uma boa intervenção educativa. Toda a nossa ação se deve basear nestes três pontos fulcrais para mim.

11. Sebastião da Gama, dizia no seu diário que aprendia muitas coisas com os seus alunos. Que pode o educador fazer para ser capaz de escutar e aprender com os seus alunos?

113 Estar disponível atento e aberto. Era aquilo que falava há pouco do não ser egoísta e
114 de conseguir encontrar nos outros lições de vida e saber que somos muitas vezes para os
115 outros exemplos. Uma frase do Príncipezinho diz assim: “os que passam por nós, não
116 vão sós, deixam um pouco de si e levam um pouco de nós”. Não sei se é bem assim mas
117 é esta a ideia. (risos)

118

119 **12. Gama, centra a sua pedagogia no aluno, no respeito e no amor por ele**
120 **procurando sempre a sua felicidade. Como pode o educador fazer os seus**
121 **alunos felizes? Para quê?**

122

123 Sendo feliz também. Feliz com as conquistas deles, com as lutas vencidas no dia-a-
124 dia, das dificuldades que ultrapassam. Para criar crianças felizes, adultos responsáveis e
125 um mundo melhor temos de ter em conta sempre o respeito, amor, carinho por eles,
126 inculcando também estes valores bons e depois de certeza que serão felizes porque isso
127 constrói felicidade.

ANEXO 5 - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA A L. R

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA A L. R

Esta entrevista tem como finalidade conhecer a perspectiva do entrevistado sobre:

- › A influência e a importância da relação educador/aluno.
- › A forma como pode o educador potencializar boas relações com os seus alunos.
- › Definição de relação de qualidade entre o educador e o aluno.
- › Como pode o educador construir com os seus alunos uma boa relação pedagógica.

DADOS DA ENTREVISTA:

Data: 13/ 05 / 2015

Hora: 10h: 30m

Duração aproximada: 40 minutos

Local: Colégio da Torre

DADOS DA(O ENTREVISTADA/O:

Nome: L. R

Idade: 34 anos

Profissão: Educador de Infância

Local de Trabalho: Colégio da Torre, Paço de Arcos

Curso: Educação Pré-Escolar, Escola Superior de Educação Jean Piaget

1. O que é, para si, “educar”?

Educar para mim tem muito a ver com as rotinas, com o ser um exemplo para a criança e tentar que ela cumpra as regras necessárias para vir a ser um adulto que tenha futuro e que tenha sucesso. Educar para mim, acho que é seguir e compreender e ter objetivos.

2. Todos podemos educar? Porquê?

Eu acho que nem todos podemos educar. Existem certas capacidades que certas pessoas não têm. Não há pessoas iguais, não crianças iguais, não há tipos de educação iguais e por nunca se sabe qual é a educação certa. Mas eu acho que todos podemos tentar mas nem todos conseguimos, porque cada criança é diferente e acho temos de ter abordagens diferentes para cada criança. Mas nem todos conseguem, nem todos conseguem porque a educação é muito complexa, é um bocado complexo para todos saberem o que é educar.

3. Que desafio têm os educadores hoje em dia? Que missão têm?

Eu acho que há tantos anos que trabalho com crianças, eu estou há oito anos com crianças e o maior desafio que nós temos tido nesta profissão, são mesmo os pais. Além de serem cada vez mais controversos e de exigirem muito de nós, cometem muitos erros. Esses erros às vezes são colmatados por nós, porque cada vez mais vemos mais pessoas a não se darem bem, a acabarem divórcios e somos nós que temos de colmatar essa falha. Não somos família mas podemos ajudar a criança a ultrapassar essa má fase.

As crianças são cada vez mais complicadas de compreender e são cada vez mais complexas. A própria educação está cada vez mais exigente, e acho que temos tido esses problemas com pais, com a própria sociedade, tentar que eles se integrem na sociedade

29 e a sociedade está em contante mudança. O que tem sido mais complicado são mesmo
30 os pais, sim.

31

32 **4. Que modelo deve o educador procurar ser para os seus alunos?**

33

34 Que modelo? Eu acho que nós não temos que ser perfeitos mas eu acho que temos
35 que ser pessoas pelo menos íntegras e coerentes. Eu acho que a coerência na educação
36 de infância tem de fazer valer. Não podemos responder de uma maneira a uma criança
37 porque atirou um boneco para o chão ou atirou um lápis para chão, da mesma forma
38 como vamos responder se ela mordeu, ou se ela empurrou ou se ela mordeu. Tem de
39 haver aqui patamares que temos que ir respeitando. Mas eu tento ser um modelo para
40 eles, para me fazer respeitar.

41 Na valência de creche não conseguimos ser modelos mas na valência dos três,
42 quatro e cinco anos conseguimos muito bem ser modelo e eles respeitarem-nos pelo que
43 dizemos e pela relação que temos com eles. Aqui na creche, ainda não somos bem,
44 tentamos ser porque tentamos chamá-los a atenção mas eles ainda são muito pequenos
45 para terem alguém como modelo, não é o pai. Podem seguir-me porque temos gostos
46 parecidos, há criança que gosta mais de futebol e eu jogo futebol com ele, ganho um
47 bocadinho de respeito e sou um modelo para ele, naquela área, naquele jogo. Se eu pinto
48 com uma menina, ela vai-me procurar para pintar. Sou modelo só em certas áreas, em
49 certas atividade e situações e por isso nesta valência ainda não temos esta parte dos
50 modelos.

51

52 **5. De que maneira deve o educador relacionar-se com os seus alunos? Para** 53 **quê?**

54

55 Eu tenho, desde que comecei com este grupo, fomentado muito a autonomia, não se
56 pode falar já de responsabilidade, mas pelo menos as rotinas porque eu próprio sou
57 muito rotineiro. Tento que um dia seja parecido ao dia anterior mesmo para eles se

começar a reger e a seguir aquela forma de agir aqui no colégio. Mas, sim vou-me relacionando com eles. Sentimentalmente tem sido estar lá quando eles estão a chorar, tentar apoiar quando achamos que vêm um bocadinho mais triste ou quando a manhã não correu bem. E principalmente, acho que aqui é pela brincadeira, acho que eles precisam de sorrir todos os dias, entrar aqui e estar bem. Tentar que, não fugindo muito do que é a regra, eu não vou deixar de fazer com que uma criança cumpra regra, só porque eu acho que está muito triste ou que está a chorar. Eu vou é tentar rodear para que ele aceite a regra de uma forma diferente. Eu acho que eles têm de estar alegres aqui, têm de andar a sorrir para gostarem disto, têm de sorrir.

6. Do que observa, no contexto onde trabalha, como caracteriza a relação dos educadores com os alunos?

Eu acho que aqui nesta valência, a relação que nós temos tido com eles, é muito isto que está que eu está a dizer: muito apoio, muito amor, muito carinho. Tentar mimar, até certa altura, mas começar a tentar cumprir as rotinas. No meu caso como homem, é sempre mais complicado porque as crianças, qualquer uma delas, estão sempre mais afastadas do pai do que propriamente da mãe. Eu chego às vezes, no início, a assustar porque a minha voz não ajuda, sou demasiado grande em relação à altura deles mas acho que consigo criar uma relação, depois de ultrapassadas estas barreiras, consigo criar uma relação forte, até bastante interessante. Mas é sempre mais simples para uma mulher educadora criar relação logo desde início.

Nesta valência, é brincar e mimar. Depois, como eu já disse muitas vezes, com regras e autonomia. Eles precisam de autonomia e comecem desde logo, desta forma para depois chegarem ao jardim-de-infância e terem uma linha a seguir, uma linha condutora para não ser complicado, para não ser um choque a passagem da creche para o jardim-de-infância.

7. Que dificuldades sentem os educadores na relação que estabelecem com os alunos?

Já falei mais ou menos das minhas dificuldades. Como homem não consigo chegar tão rapidamente à criança como as minhas colegas. Mas eu não tenho muitas dificuldades, depois de criada a relação, não tenho muitas dificuldades em chegar a qualquer criança. Acho que não podemos exigir muito, e na creche não podemos exigir muito porque eles não vão compreender o porquê da exigência. Temos que fazer com que eles cumpram o que é suposto cumprir mas de uma forma mais exemplificada, em vez de pedir oralmente, vamos sentar, porque eles não vão compreender o que nós estamos a falar, pelo menos na sala de um ano. E acho que é a partir daí que vamos criando a relação: um colinho, um miminho, uma brincadeira, um correr atrás deles, um sentar para falar só. Não dá para criar grandes relações, temos de fazer rir para os conquistar, depois vem o resto. Mas na sala do ano tem sido isto, é o fazer rir, é o tentar ser amigo e depois assim cresce a relação.

8. O que acha que falta nessas relações? Porquê?

Acho que o que falta na educação é a colaboração das famílias. Como já falei há pouco, nos dias de hoje trabalhar com os pais é cada vez mais complicado e isso afeta também um pouco a relação que criamos com as crianças consequentemente. Sinto que o nosso trabalho por vezes não é reconhecido pelas outras pessoas e não tem o merecido valor. Acho que falta nas relações confiança, segurança. Acho que é isso que falta.

Sebastião da Gama nasceu no ano de 1924 e licenciou-se em Filologia Românica na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Foi professor em Lisboa, Setúbal e Estremoz. Publica em 1945, o seu livro Serra-Mãe e após a sua morte, no ano de 1958, o seu diário: O Diário de Sebastião da Gama.

O Diário de Sebastião da Gama é o testemunho como docente no trabalho diário com os seus alunos, defendendo sempre a sua liberdade e felicidade. Coloca o professor como principal responsável pelo sucesso ou insucesso escolar dos seus alunos e propõem ao educador uma atitude de avaliação e progresso.

Sebastião da Gama centra a sua pedagogia no aluno, no respeito e no amor por ele, procurando sempre a sua felicidade. Realça também as qualidades do docente, desejando amar os alunos, sendo criativo, respeitador e alegre.

120

121 **9. Sebastião da Gama, dizia que o bom educador deveria ser leal, alegre,**
122 **disponível e atento. Para si, que características especiais tem o bom**
123 **educador?**

124

125 Sim atento, acho que sim, que temos que ser muito atentos. Temos de estar
126 disponíveis, temos que ser carinhosos, temos de compreender. Temos de ser sensíveis
127 ao ponto de perceber o que fazer naquele momento, com aquela criança se agiu desta
128 forma, tentar perceber o que é que fez com que a criança fizesse aquilo. Temos de ser
129 coerentes e tentar ser um modelo desta forma.

130

131 **10. Gama, considerava a reflexão que fazia das suas aulas um sistema**
132 **avaliativo poderoso. Na sua opinião, de que forma contribui a avaliação**
133 **pessoal para o progresso da ação pedagógica do educador?**

134

135 Nesta valência, a avaliação não é assim muito importante. Na sala de um ano o que é
136 nos avaliamos e o que nós trabalhamos mais é a motricidade global e a motricidade fina.
137 A partir das avaliações que vamos fazendo às crianças, avaliamos também,
138 consequentemente, o nosso trabalho. Mas aqui na valência de creche a avaliação tem
139 um peso muito menor do que no jardim-de-infância.

140

141 **11. Sebastião da Gama dizia no seu diário que aprendia muitas coisas com os**
142 **seus alunos. Que pode o educador fazer para ser capaz de escutar e**
143 **aprender com os seus alunos?**

144

145 Eu acho que, todos os dias quando acordamos, não nos devemos esquecer do que é
146 ser criança. E todos os dias, eu entrando aqui, estando com as crianças, elas obrigam-me
147 a não esquecer do que é ser criança. E o ser criança é não ter responsabilidades, é

148 brincar, é rir, é pular, é fazer disparates e rir dos disparates que fazemos até que chegue
149 alguém e nos chame a atenção que o disparate não é para ser feito. Noutras profissões as
150 pessoas esquecem do que é isto de sorrir, do ir para o trabalho a sorrir e eu quando
151 chego, mesmo que chegue muito triste, eu sou obrigado a sorrir porque eles estão o
152 tempo todo a sorrir, e a rir e a fazer rir e a fazer disparates. Por isso é uma profissão que
153 é um privilégio ter, porque eles obrigam-nos a não nos esquecermos de sermos crianças,
154 e isso é bom.

155

156 **12. Gama, centra a sua pedagogia no aluno, no respeito e no amor por ele**
157 **procurando sempre a sua felicidade. Como pode o educador fazer os seus**
158 **alunos felizes? Para quê?**

159

160 Como eu tinha dito, eu desde que comecei a trabalhar com crianças que o meu
161 objetivo é fazê-las felizes. Nem sempre é possível mas vou sempre procurar isso, vou
162 sempre procurar que eles saiam daqui mais felizes do que estavam quando entraram
163 aqui. Eu acho que isso é importantíssimo, e é muito fácil fazer isso aqui na creche.
164 Começa a ser mais complicado a medida que eles vão crescendo e vão se apercebendo
165 dos problemas que existem na sua vida e no seu dia-a-dia mas acho que é
166 importantíssimo isso de fazer as crianças felizes. Pelo menos aqui, comigo, vão ser
167 sempre crianças alegres e felizes, e vão sair sempre daqui melhor do que estavam, o
168 meu objetivo diário é esse. O resto lá fora já não é comigo, mas aqui dentro eles vão sair
169 sempre mais felizes do que entraram.

ANEXO 6 - ANÁLISE DE CONTEÚDO

ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS REALIZADAS

Categorias de Codificação	Subcategorias	Unidades de registo
Considerações dos entrevistados sobre o ato de educar	Impulsionar a viver o real	<ul style="list-style-type: none"> Anexo 3, linha 6: “Educar parece-me ser lançar a pessoa na vida, na realidade como ela é, atirá-la para a frente.”
	Desenvolvimento de competências sociais	<ul style="list-style-type: none"> Anexo 3, linha 3:” Educar é antes de tudo, criar laços que nos permitam desenvolver competências sociais entre os intervenientes do processo educativo.”
	Transmissão de valores	<ul style="list-style-type: none"> Anexo 4, linha 14: “É uma transmissão não só de valores como de raízes culturais e de aptidões cognitivas, sociais, emocionais etc.”
	Definição de objetivos específicos	<ul style="list-style-type: none"> Anexo 4, linha 9: “Este paradoxo é uma realidade e um dos pontos principais que devemos sempre refletir no nosso papel enquanto educadoras de um grupo de crianças. Educar quem? Para quê? Quais são as nossas finalidades e quais os nossos objetivos? Será que a estamos a ter em conta a criança que é um ator do seu desenvolvimento ou estamos a tentar moldá-la?” Anexo 5, linha 5:” Educar para mim, acho que é seguir e compreender e ter objetivos.”
A Educação como função para todos	Afirmativo/ Concorda	<ul style="list-style-type: none"> Anexo 3, linha 22: “Por isso, porque é que todos podemos educar? Porque está feita assim a vida, aos pequenos e aos grandes, e o grande tem na vida o papel de ser o que transmite; todos educamos, quer queiramos quer não, resta saber é como.”

		<ul style="list-style-type: none"> • Anexo 4, linha 20:” Sim, todos podemos educar claramente.”
	Negativo/ Não concorda	<ul style="list-style-type: none"> • Anexo 5, linha 10: “Eu acho que nem todos podemos educar. Existem certas capacidades que certas pessoas não têm.”
A missão desafiadora dos educadores nos dias de hoje. Dificuldades sentidas.	Reconhecer-se como adulto	<ul style="list-style-type: none"> • Anexo 3, linha 28: “A meu ver, os educadores de hoje em dia, o primeiro desafio que têm é de eles próprios serem adultos, porque há uma espécie de tentação e de ameaça às pessoas adultas de recusarem a sua própria “adultidade” e ficarem adolescentes, de quererem as coisas fáceis, só divertidas, ou de não reconhecer a realidade na totalidade que ela é, de só quererem ver umas partes e disfarçarem as outras.”
	Relativismo Ter certezas	<ul style="list-style-type: none"> • Anexo 3, linha 36 “Um adulto capaz de ter certezas, não uma afirmação arbitrária, mas como uma experiência comprovada e sobre a qual se fez um juízo, e sobre a qual se pode dizer: “não, isto é assim; é por aqui, isto é certo”. Acho que talvez seja esse o maior desafio dos educadores: o de ter certezas.”
	Relacionamento com as famílias	<ul style="list-style-type: none"> • Anexo 5, linha 20: “Eu acho que há tantos anos que trabalho com crianças, eu estou há oito anos com crianças e o maior desafio que nós temos tido nesta profissão, são mesmo os pais.” • Anexo 4, linha 72: “Porque estabelecer relações não envolve só a criança mas também a família, os colegas etc.”
	Diferenças de sexo	<ul style="list-style-type: none"> • Anexo 5, linha 88: “ Como

		homem não consigo chegar tão rapidamente à criança como as minhas colegas.”
	Autocontrolo Paciência	<ul style="list-style-type: none"> • Anexo 3, linha 92: “Às vezes, hoje o que pode ser mais difícil é controlar uma certa exasperação com o mau comportamento dos alunos, porque há consequentemente uma zanga do educador com os defeitos, com as coisas mal feitas das crianças.”
O papel do educador na criação de relações pedagógicas de qualidade	Dar sem medida	<ul style="list-style-type: none"> • Anexo 3, linha 117: “Portanto, por muito que se dê, o que falta é dar-mo-nos a nós próprios e só quando uma pessoa se gasta sem medida, quando se dá, no sentido de dar a própria vida.”
	Afetividade	<ul style="list-style-type: none"> • Anexo 4, linha 124: “Para criar crianças felizes, adultos responsáveis e um mundo melhor temos de ter em conta sempre o respeito, amor, carinho por eles (...)” • Anexo 5, linha 59: “Sentimentalmente tem sido estar lá quando eles estão a chorar, tentar apoiar quando achamos que vêm um bocadinho mais triste ou quando a manhã não correu bem.”
	Regras e autonomia: Orientações curriculares	<ul style="list-style-type: none"> • Anexo 5, linha 80: “Depois, como eu já disse muitas vezes, com regras e autonomia. Eles precisam de autonomia e começarem desde logo, desta forma para depois chegarem ao jardim-de-infância e terem uma linha a seguir, uma linha condutora para não ser complicado, para não ser um choque a passagem da creche para o jardim-de-infância.”

		<ul style="list-style-type: none"> • Anexo 4, linha 94: “As orientações curriculares falam muito disto, da criança como autor do seu próprio desenvolvimento, por isso à que envolver o aluno no seu processo de aprendizagem e não ele ser um mero espectador.” Linha 105: “Planear, avaliar e refletir são essenciais na educação, se queremos uma boa intervenção educativa. Toda a nossa ação se deve basear nestes três pontos fulcrais para mim.”
	Envolvimento	<ul style="list-style-type: none"> • Anexo 4, linha 39: “O educador deve ser o modelo para os seus alunos. Deve ser alegre, verdadeiro, motivador, estimulante e envolvente.” • Anexo 3, linha 175:” Quando tens que ensinar Matemática, tens que saber Matemática.”
Estratégias e técnicas utilizadas para construir boas relações pedagógicas	Acolhimento	<ul style="list-style-type: none"> • Anexo 3, linha 58:” Eu acho que a primeira coisa mais importante na relação com os alunos é talvez o acolhimento, o acolher o outro tal como ele é e isso é uma coisa preciosa.”
	Inquietude	<ul style="list-style-type: none"> • Anexo 3, linha 44: “Se uma pessoa deve ser um modelo deve ser na busca, na inquietude, naquilo que é mais próprio do ser humano e que realmente se pode partilhar com todos os outros, que é o facto de a pessoa ter sede, ir á procura, estar aberto ao que acontece.”
	Aprender com os outros	<ul style="list-style-type: none"> • Anexo 3, linha 139: “Eu tenho mesmo a ideia de que o educador pode dar o que falta, se conseguir superar-se a si mesmo com a ajuda dos grandes. Esse “ter para quem

		<p>olhar” permite que o educador dê ainda mais um passo, que vá para além do que viu e do que já foi capaz de fazer.”</p> <ul style="list-style-type: none"> • Anexo 4, linha 113: “Era aquilo que falava há pouco do não ser egoísta e de conseguir encontrar nos outros lições de vida e saber que somos muitas vezes para os outros exemplos.”
	Estimular a aprendizagem e descoberta	<ul style="list-style-type: none"> • Anexo 4, linha 42: “O educador deve estimular nas crianças o gosto por o saber sempre mais. O gosto por aprender e descobrir o mundo explorando-o.”
Perceção sobre as relações pedagógicas estabelecidas em contexto educativo. Falhas e lacunas	Impaciência	<ul style="list-style-type: none"> • Anexo 3, linha 92: “Às vezes, hoje o que pode ser mais difícil é controlar uma certa exasperação com o mau comportamento dos alunos, porque há consequentemente uma zanga do educador com os defeitos, com as coisas mal feitas das crianças.” • Anexo 4, Linha 74: “A paciência que ainda agora falámos também é muito importante nesta profissão porque é desgastante e exige muito de nós, muita persistência.”
	Indiferença	<ul style="list-style-type: none"> • Anexo 4, linha 22: “Faz-me tanta confusão esta indiferença das pessoas naquilo que transmitem aos outros, não têm consciência muitas vezes do exemplo que são.”
	Qualidade humana	<ul style="list-style-type: none"> • Anexo 3, linha 84: “Encontro pessoas capazes de estimar as crianças, de gostar delas, de se encantarem com as

Características especiais do bom educador		<p>coisas que elas dizem e fazem, de fazer coisas em conjunto com elas, de rir com elas, de se dedicarem a elas, de estarem atentas às dificuldades delas, de as receber de volta e perdoar.”</p> <p>• Anexo 4, linha 123: “Sendo feliz também. Feliz com as conquistas deles, com as lutas vencidas no dia-a-dia, das dificuldades que ultrapassam.”</p>
	Acreditar no ser humano e na sua capacidade de mudança	<p>• Anexo 3, linha 228: “Penso que seja partir de uma aposta no que é que o ser humano tem para dar, na grandeza do ser humano. Mais uma vez o Cristianismo ajuda nisto porque é preciso uma certeza do que há no homem, e perceber que todo o olhar humano pode cansar-se, pode fazer maldades, e consequentemente há uma descrença no homem; por isso é preciso um olhar maior do que o do homem para acreditar no homem. ” linha 107: “Falta ter esta certeza absoluta de uma redenção, da certeza que não há nenhum sítio tão longe onde se chegue que não se possa voltar, que de facto se pode começar limpo, que a pessoa não está marcada e que pode começar de novo”</p>
	Reconhecimento da sua grandeza e fraqueza	<p>• Anexo 4, linha 40: “. É aquele que falha e assume o seu erro, é aquele que procura incentivar a experimentar errar avaliar e não ter medo de voltar a tentar e voltar a tentar outra vez, isto é muito importante!” linha 113: “Estar disponível atento e</p>

		<p>aberto. Era aquilo que falava há pouco do não ser egoísta e de conseguir encontrar nos outros lições de vida e saber que somos muitas vezes para os outros exemplos.”</p> <p>• Anexo 3, linha 135: “Outras vezes podemos até sentir aquele pequenino desconforto da pessoa achar-se pequena ou curta e perguntar-se: porque é que ela consegue e eu não? Isso é uma coisa maravilhosa, quando temos a noção do nosso limite, do nosso nada, de encontrar para quem olhar.”</p>
O progresso da ação pedagógica. Avaliação e reflexão pessoal	Confronto: Planear, avaliar e refletir	<p>• Anexo 4, linha 105: “Planear, avaliar e refletir são essenciais na educação, se queremos uma boa intervenção educativa. Toda a nossa ação se deve basear nestes três pontos fulcrais para mim.” Linha 31: “No momento em que vivemos é muito complicado educar pois levamos a refletir constantemente sobre o que queremos para as nossas crianças, se é uma educação por valores ou se é uma educação em que o que interessa é sobreviver no mundo.”</p> <p>• Anexo 3, linha 185: “. Por isso tens mesmo de parar, avaliar tudo e reter o que é bom, perceber o que foi bom e ter capacidade de gerir o que foi mau.”</p> <p>• Anexo 5, linha 137: “A partir das avaliações que vamos fazendo às crianças, avaliamos também, consequentemente, o nosso trabalho”</p>

	Capacidade de escuta	<ul style="list-style-type: none"> • Anexo 3, linha 215: “Eu aprendo imenso com a maneira como os meus alunos me perguntam as coisas, e que me dizem imenso sobre a sua própria posição humana, sobre o pouco que lhes estou a dar e onde eles querem chegar. As perguntas dos alunos dão-nos um feedback enorme de como o educador está a levar a sua ação pedagógica. Realmente a vida é feita de encontros, e nós crescemos com os encontros, mesmo com os mais pequeninos. ” • Anexo 5, linha 125: “Sim atento, acho que sim, que temos que ser muito atentos. Temos de estar disponíveis, temos que ser carinhosos, temos de compreender. Temos de ser sensíveis ao ponto de perceber o que fazer naquele momento, com aquela criança se agiu desta forma, tentar perceber o que é que fez com que a criança fizesse aquilo”
--	----------------------	---